



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
CAMPUS DE UBERABA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

JANDERSON DA SILVA BORGES

**UM NOVO OLHAR PARA A LEITURA DE ROMANCES PELOS ALUNOS DO
6.º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
PATOS DE MINAS - MG**



PROFLETRAS

UBERABA – MG

2020

JANDERSON DA SILVA BORGES

**UM NOVO OLHAR PARA A LEITURA DE ROMANCES PELOS ALUNOS DO
6.º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
PATOS DE MINAS - MG**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), UFTM. Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Acir Mário Karwoski

Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

UBERABA – MG.

2020

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

B732n Borges, Janderson da Silva
Um novo olhar para a leitura de romances pelos alunos do 6º. ano do
ensino fundamental em uma escola pública de Patos de Minas – MG /
Janderson da Silva Borges. -- 2020.
112 f. : il., fig., graf.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) --
Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2020
Orientador: Prof. Dr. Acir Mário Karwoski

1. Leitura - Estudo e ensino. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Textos.
I. Karwoski, Acir Mário. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro.
III. Título.

CDU 028(07)

JANDERSON DA SILVA BORGES

**UM NOVO OLHAR PARA A LEITURA DE ROMANCES PELOS ALUNOS DO
6.º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
PATOS DE MINAS - MG**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), UFTM. Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Acir Mário Karwoski

Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Data de aprovação: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Professor Doutor Acir Mário Karwoski
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM.

Membro Titular: Professora Doutora Fani Miranda Tabak
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM.

Membro Titular: Professora Doutora Denise Barros Weiss
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF.

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Campus de Uberaba
Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

Dedico este trabalho a todos que contribuíram de alguma maneira para que esse sonho fosse concretizado, em especial, aos meus filhos que são a razão para eu lutar diariamente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por permitir que eu pudesse passar por todo processo de construção do conhecimento e realizar um dos maiores sonhos de minha vida profissional.

À minha esposa Kênia e aos meus filhos Vinícius e Ana Clara que me entenderam em todos os momentos que não podia dedicar meu tempo a eles, suportaram minhas dores, enxugaram minhas lágrimas, ficaram em silêncio para que eu pudesse concentrar, abdicaram de passeios ou de estar com amigos ou familiares para poder estar perto de mim, preparando um lanche e me incentivando a continuar transmitindo confiança, carinho e amor.

Aos meus pais Eraldo e Joana D'Arc que me apoiam incondicionalmente, pois rimos e choramos juntos sempre, é muito gratificante ver o brilho em seus olhos quando conto a respeito das conquistas que o mestrado me proporcionou.

À minha avó Dirza que sempre fez suas orações para me proteger quando sabia que estava na estrada e é um exemplo para mim de força e determinação, e não poderia deixar de agradecer ao meu avô, José Custódio (*in memoriam*) que, de onde estiver, sei que está presente e feliz com minhas conquistas, pois sinto suas energias, e me recordo de suas palavras “tudo tem sua hora, não desespere e saiba esperar” foi um dos seus maiores ensinamentos para mim.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram e me incentivaram a seguir em frente na busca da realização de meus sonhos.

Às Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Teresa do Menino Jesus, em nome da irmã Simony e da irmã Silvoneide, agradeço a toda Congregação pelo apoio, acolhimento no início do mestrado e também pelas orações.

Ao meu orientador, professor doutor Acir, por acreditar em meu trabalho e sempre me apoiar e incentivar, o meu muito obrigado por ser mais que um orientador, ser um conselheiro e um amigo dando sempre suas valiosas contribuições para sempre continuar, cada encontro, cada mensagem, cada conselho foram muito importantes para conseguir cumprir todas as árduas tarefas, minha eterna gratidão por sua atenção e pelo respeito e carinho que tem não só por mim, mas por todos os seus orientandos.

Aos professores de todas as disciplinas cursadas, em especial as professoras doutora Fani e doutora Deolinda que, durante suas aulas, aumentaram ainda mais o meu fascínio pela literatura.

À secretária Ana Paula, que sempre nos recebeu com seu sorriso e sua competência exemplar, sempre pontual em suas respostas e pedidos, funcionária que merece todos os louvores naquilo que faz e faz com maestria.

Aos meus alunos, pois sem a contribuição deles nossa pesquisa não se concretizaria.

Às professoras de Ciências, Hélen e Daniela, que abraçaram minha pesquisa e muito ajudaram nas atividades intertextuais para a germinação e plantio das mudas nos jardins da escola.

À professora de Matemática Carlene pela parceria na FERIA do Conhecimento, nosso trabalho com as plantas e as figuras geométricas abrilhantou a apresentação dos alunos.

Aos colegas da escola, o meu obrigado a cada funcionário de cada setor que sempre me receberam com um sorriso e um cumprimento, não me atrevera a citar nomes, agradeço ao carinho e respeito que fizeram nossa convivência ser harmoniosa e isso fez a diferença no ambiente de trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, fui abençoado em tê-los como colegas, nunca houve concorrência e sim compartilhamento de ideias e de materiais, fomos parceiros e saibam que serão sempre lembrados e admirados.

E, por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos que muito me auxiliou financeiramente na realização do mestrado.

“Não há no mundo livros que se devam ler, mas somente livros que uma pessoa deve ler em certo momento, em certo lugar, dentro de certas circunstâncias e num certo período de sua vida.”

(Lin Yutang *apud* Rónai, 1985, p. 573)

RESUMO

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa-ação cujos principais aspectos são beneficiar os participantes por meio de processos educacionais inovadores a fim de transformar as metodologias educacionais tornando, assim, educandos mais participativos e interagindo melhor com os processos de ensino-aprendizagem. A pesquisa teve como objetivo buscar estratégias para melhorar o processo de leitura de romances por alunos do 6.º ano do Ensino Fundamental II e a produção de história em quadrinhos (HQ) em ambiente digital, através da retextualização proposta por Dell’Isola (2007). Utilizamos também como referencial teórico Bakhtin (2010), Iser (1996), Chartier (1998), Colomer (2007), Marcuschi (2008) dentre outros. Para a leitura da obra **O menino do dedo verde**, de Maurice Druon, realizamos diversificadas atividades tais como oficinas de leitura na praça, piquenique literário, diário literário, pintura em tela, plantio de mudas e criação de HQ como forma de incentivar a leitura e a produção de textos dos alunos. Ressaltamos que a interdisciplinaridade com as disciplinas Ciências e Matemática colaboraram para que as oficinas realizadas pudessem ter o êxito esperado. Oficinas em ambientes externos, saindo dos espaços comuns da escola, foram as que os alunos apresentaram um maior interesse pela leitura literária e também a realização de atividades de produção textual, a partir da retextualização, em ambiente virtual. Por fim, constatamos que colocar os alunos como protagonistas das atividades com a mediação do professor é uma forma de promover a formação de leitores literários nos anos finais da educação básica para que possam se tornar leitores autônomos. Além de propor atividades que envolvem outras disciplinas mostraram que os resultados esperados para estudantes nos anos finais do ensino fundamental, não é exclusivo dos professores de língua portuguesa, pois as outras disciplinas trabalham também com leituras.

Palavras-chave: Leitura literária. Retextualização. História em quadrinhos.

ABSTRACT

This work is characterized as an action research whose main aspects are to benefit participants through innovative educational processes in order to transform educational methodologies thus making students more participative and interacting better with teaching-learning processes. The research aimed to find strategies to improve the process of reading novels by students of the 6th grade of Elementary School II and the production of comics books (HQ) in digital environment, through the retextualization proposed by Dell'Isola (2007). We also use as theoretical reference Bakhtin (2010), Iser (1996), Chartier (1998), Colomer (2007), Marcuschi (2008) among others. For the reading of Maurice Druon's *The Boy of the Green Finger*, we carry out various activities such as reading workshops in the square, literary picnic, literary diary, painting on canvas, planting seedlings and creating comics as a way to encourage reading and the production of students' texts. We emphasize that interdisciplinary with the disciplines Science and Mathematics collaborated so that the workshops held could have the expected success. Workshops in external environments, leaving the common spaces of the school, were the ones that the students showed a greater interest in literary reading and the realization of textual production activities, from the retextualization in virtual environment. Finally, we find that placing students as protagonists of activities with teacher mediation is a way to promote the formation of literary readers in the final years of basic education so that they can become autonomous readers. In addition to proposing activities involving other disciplines showed that the expected results for students in the final years of elementary school, is not exclusive to Portuguese language teachers, because the other subjects also work with readings.

Keywords: Literary reading. Retextualization. Comic book.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 - Leitura na praça	54
FOTO 2 - Leitura na praça	54
FOTO 3 - Plantio de mudas	56
FOTO 4 - Pintura em tela	57
FOTO 5 - Pintura em tela	57
FOTO 6 - Piquenique literário	58
FOTO 7 - Piquenique literário	58
FOTO 8 - Conhecendo o site	59
FOTO 9 - Conhecendo o site	59
FOTO 10 - Retextualização	60
FOTO 11 - Retextualização	60
FOTO 12 - Exposição dos trabalhos	61
FOTO 13 - Exposição dos trabalhos	61
FOTO 14 - Aula de leitura das HQs	82
FOTO 15 - Aula de leitura das HQs	82
GRÁFICO 1 - Suporte de leitura	37
GRÁFICO 2 - Tempo para leitura	38
GRÁFICO 3 - Barreiras para leitura	39
GRÁFICO 4 - Tempo para realização de tarefas	40
GRÁFICO 5 - Acesso à internet	41
GRÁFICO 6 - Hábito de leitura dos pais	42
GRÁFICO 7 - Há livros literários em casa	43
GRÁFICO 8 - Livros lidos ou ganhados	44
GRÁFICO 9 - Proposta para ler um romance	45
GRÁFICO 10 - Quem indicou um romance	46
GRÁFICO 11 - O gosto pela leitura do livro	69
GRÁFICO 12 - Atividades desenvolvidas durante a leitura	70
GRÁFICO 13 - Melhor atividade durante a leitura	71
GRÁFICO 14 - Dificuldades durante a leitura	72
GRÁFICO 15 - Sobre o site <i>toondoo.com</i>	73
GRÁFICO 16 - Dificuldades durante criação da HQ	74
GRÁFICO 17- Sobre a possibilidade de ler outro romance	75
GRÁFICO 18 - Sugestões de atividades de leitura	76

IMAGEM 1 - Apresentação de Tistu	62
IMAGEM 2 - Apresentação dos pais e da casa de Tistu	63
IMAGEM 3 - Apresentação da cidade e da fábrica	64
IMAGEM 4 - Lição de Tistu no jardim da sua mansão	65
IMAGEM 5 - Lição de Tistu na favela	66
IMAGEM 6 - Lição de Tistu no Hospital	67
IMAGEM 7 - Resposta aluno A	78
IMAGEM 8 - Resposta aluno B	79
IMAGEM 9 - Resposta aluno C	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
1.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE ROMANCES	16
1.2 A LEITURA LITERÁRIA NA BNCC	21
1.3 LEITORES IDEAIS E LEITORES CONTEMPORÂNEOS	23
1.4 RETEXTUALIZAÇÃO	27
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO AMBIENTE DA PESQUISA E A ESCOLHA DA OBRA	32
2.1 ANÁLISE DO PERFIL DOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	37
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
3.1 POR QUE ESCOLHEMOS A OBRA O MENINO DO DEDO VERDE?.....	48
3.2 MATERIAL E MÉTODOS PARA CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	50
3.3 ANÁLISE DE ALGUMAS PÁGINAS DA PRODUÇÃO DA HQ DOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	61
3.4 ANÁLISE DE RESULTADOS DA PESQUISA PÓS-PRODUÇÃO HQ	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICES	90
APÊNDICE A – PESQUISA SEMIESTRUTURADA E QUESTIONÁRIO	90
APÊNDICE B - CRUZADINHA	92
APÊNDICE C – MOLDES	96
APÊNDICE D – ROTEIRO DE LEITURA	104
APÊNDICE E – PESQUISA SEMIESTRUTURADA APÓS LEITURA	105
APÊNDICE F – RESPOSTAS TRANSCRITAS DOS ALUNOS	107
ANEXOS	108
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	108

INTRODUÇÃO

A presente dissertação resulta de questionamentos que surgiram ao longo da vivência em sala de aula, de experiências, dúvidas, tentativas, erros, acertos e observação do comportamento dos alunos no Ensino Fundamental II (doravante EFII) na escola onde atuamos como professores e dizem respeito ao ato de ler textos literários.

Indubitavelmente, a leitura e a escrita são primordiais como práticas culturais fundamentais para a inclusão social do indivíduo, bem como instrumentos essenciais para sua transformação e sua organização como sujeito; portanto, sempre se discute, não só na escola como também na sociedade em geral, sobre a dificuldade de formar alunos leitores de obras literárias a partir do 6.º ano do EFII.

Ao ler, o discente ativa seu lugar social, suas relações com o outro e os valores da comunidade a que pertence, pois, a leitura mantém uma inserção do sujeito numa prática presidida por relações interativas e a escola é, muitas vezes, o único ambiente em que se tem acesso ao livro e aos textos literários. Nesse sentido, justifica-se a necessidade de buscarmos meios para desenvolver estratégias, através de um professor-mediador, para adquirir habilidades e realizar leituras diversas tornando-se leitores autônomos e competentes.

Apesar de forma não muito coerente, às vezes, como professores de língua portuguesa, somos cobrados pela equipe diretiva, pela secretaria de educação e também pelos colegas de outras disciplinas, como responsáveis pela aquisição das habilidades de leitura e fluidez ao ato de ler dos alunos não só nos resultados das avaliações internas, mas, principalmente, durante as avaliações externas, sempre vistos como responsáveis por auxiliar os estudantes a ter bons rendimentos.

Propor atividades que envolvam os professores de outras disciplinas como Ciências e Matemática, por exemplo, enfatizam a importância de buscarmos meios de propor leituras em todos os conteúdos e não carregarmos sozinhos a responsabilidade de formar leitores com um nível desejável de fluência.

O trabalho interdisciplinar com as aulas de botânica para aprenderem sobre o processo de germinação das plantas e a importância de cuidar do meio ambiente corroborou com a temática do livro escolhido para trabalhar as atividades propostas na intervenção planejada para esse trabalho, bem como o trabalho com formas e figuras geométricas para produzir os vasos que serviram de suporte para as plantas, fizeram sentido para os alunos aprender e reforçaram a importância de ler e participar.

Todos os professores, independente da disciplina que lecionam, têm o dever de propor estratégias que desenvolvam a fluidez da leitura. Mas o professor de Língua Portuguesa é

considerado o único responsável por traçar estratégias para desenvolver a habilidade dos alunos de ler, uma prática escolar que precisa ser mudada, pois todas as disciplinas trabalham com a leitura e escrita e deveriam propor atividades para esse fim.

Quando dizemos ler, não nos referimos ao simples fato de decodificar, mas ter fluidez durante a leitura e a capacidade de se posicionar com criticidade diante de qualquer tipo de texto, seja ele literário, informativo, didático, etc. Pois sabemos que ler é construir sentidos para o texto e, de acordo com Candido (1976, p. 74) “a literatura é [...] um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”. Salientamos que para a formação do gosto pela leitura literária é importante criar estratégias de leitura, através da mediação do professor, para que uma obra cumpra sua função social e o leitor passe a ser agente ativo ao atribuir sentidos ao texto.

Não deixando nossa responsabilidade de lado e pensando em propor mecanismos de fazer com que os alunos leiam os textos literários, especificamente os romances, e deixem a fruição tomar conta do momento de leitura, traçamos estratégias de mediação e interação para poder fazer da leitura literária uma rotina constante na vida dos alunos do 6.º ano do EFII, explorando oficinas que permitam possibilidades de trabalho a partir do romance, podendo, assim, proporcionar aos alunos a leitura não só na escola como também em outros ambientes.

Os discentes estão imersos no sincretismo¹ de linguagens, pois aprendem, interagem e se comunicam quase que instintivamente por meio de diferentes suportes de comunicação.

Fazer uso inadequado das ferramentas tecnológicas, com potencialidades educativas, explorando pouco o valor informativo, implícito e/ou explícito, é cair no erro de acreditar que o simples uso do equipamento, independente dos objetivos traçados, já faz a diferença pedagógica. Nesse sentido, devemos explorar a criatividade dos estudantes no aplicativo disponibilizado gratuitamente para, assim, atingirmos os objetivos propostos para promover a leitura.

Ademais, pensando em aliar a leitura literária ao uso da internet, propusemos aos alunos do 6.º ano do EFII atividades de interação para que lessem o romance. Mediamos oficinas para desenvolver a leitura e a retextualização da obra em quadrinhos no laboratório de informática, pois, assim como exposto por Rodrigues (2012) “a abordagem das histórias em quadrinhos em sala de aula vem para preencher uma possível necessidade de associar diferentes níveis de leitura ao trabalho de literatura na escola”. A produção de HQs digitais usando um aplicativo

¹ Sincretismo de linguagens é a fusão do texto verbal com o texto imagético o que propicia aos leitores uma nova experiência de leitura nas histórias em quadrinhos o que contribui para apreensão da literatura.

gratuito permite ao professor trabalhar como mediador da leitura e propor atividades bem como poder “refletir sobre os potenciais das artes visuais ligadas a uma compreensão mais sólida do texto literário, afinal de contas, em muitos sentidos, as poéticas visuais estão também associadas ao texto escrito.” (RODRIGUES, 2012, p.166)

Atividades externas como a leitura na praça e o piquenique literário, bem como atividades das oficinas trabalhadas em coletivo, realizadas durante a pesquisa, foram atividades que despertaram o interesse dos discentes em participar, saindo do lugar comum e apresentando propostas diferentes os fizeram querer aprender, além do mais nas aulas externas não tivemos problemas quanto à disciplina ou concentração em realizá-las.

Quando os alunos se apropriam da leitura literária como hábito cotidiano, se tornam sujeitos autônomos capazes de ir em busca de suas necessidades. Dessa forma, a leitura literária pode ser vista como responsável pela transformação social que tende a diminuir a desigualdade de uma sociedade, bem como o pensamento divergente e reflexivo e o pensamento que busca significações.

Rodrigues (2012) ainda afirma que o trabalho com o texto literário no EFII tem nos professores de língua portuguesa seu melhor mediador em potencial. Somos nós, professores de língua portuguesa, que de fato devemos assumir a missão de formar indivíduos que tenham um trânsito livre, voluntário e autônomo pelo mundo da leitura dos diversos tipos e formatos de textos, principalmente os literários que exercitam outros constructos mentais fundamentais como o imaginário e a subjetividade, incentivando habilidades e competências essenciais como a capacidade de fazer intertextualidade, produzir relações e interpretar outros textos além da superfície, em nível mais profundo.

Propõe-se, nesse estudo, a discussão das práticas de leitura do texto literário desenvolvidas e utilizadas no EFII, de forma a demonstrar como dialogam com a retextualização em HQ em ambiente virtual.

Para isso, escolhemos a obra **O menino do dedo verde**, mesmo sendo de 1957, tem um encanto especial na figura da personagem principal que envolve qualquer leitor, seja uma criança ou um adulto, o que nos motivou a escolhê-la, pois as lições presentes no livro são colocadas de uma maneira tão singela e inocente que marca o leitor. Essa foi uma de nossas intenções propor uma leitura que marcasse os alunos.

Propor atividades que fomentem a leitura e a produção textual é uma maneira de atingir um dos principais objetivos dos professores de língua portuguesa. Se a mediação for estudada e bem planejada conseguiremos êxito nos nossos objetivos e teremos mais leitores ativos não

só nos anos finais do ensino fundamental, como também no médio e no superior; enfim, leitores ativos para a vida.

No primeiro capítulo, discorremos sobre os pressupostos teóricos que fundamentaram este trabalho, subdividimos nas seguintes seções: na primeira seção, abordamos a importância da leitura de romances pois, segundo Bakhtin (2010), é o único gênero por se construir e ainda inacabado, por se aproximar da própria estrutura moderna na qual a sociedade se organiza. Na segunda seção, descrevemos como a BNCC aborda a leitura literária uma vez que o trabalho tanto da literatura quanto do uso das ferramentas tecnológicas presentes na vida dos alunos pode auxiliar no ensino e no desenvolvimento dos alunos e devem ser usados pelos professores. Já na terceira seção, tratamos de leitores ideais e leitores contemporâneos pois a escola não pode permanecer da forma como está, no modelo do século anterior. Para que se desenvolva tem de modificar e dar oportunidade aos alunos degustarem um leque diferente do que geralmente leem e levá-los a uma reflexão, pois conhecer algo diferente significa fazer relações entre as coisas e como elas são possíveis. Finalmente, na quarta e última seção desse capítulo, detalhamos sobre a retextualização como uma atividade de linguagem no ensino de língua portuguesa que consiste na refacção e reescrita de um texto para outro, processo que envolve o funcionamento social da linguagem, visando a um ensino que favoreça a compreensão de que a língua é um produto histórico-social.

Em relação ao segundo capítulo, apresentamos uma breve contextualização do ambiente da pesquisa e a escolha da obra trabalhada e fazemos a análise do perfil dos alunos participantes da pesquisa em que propusemos um questionário e uma pesquisa semiestruturada para identificarmos alguns conceitos e preferências quanto às práticas de leitura.

No terceiro capítulo, apresentamos a nossa leitura do livro **O menino do dedo verde** e os procedimentos metodológicos que preconizamos no trabalho, em seguida fazemos a análise de produtos e também da pesquisa semiestruturada aplicada após as atividades.

E, por fim, apresentamos as considerações finais com as nossas observações e comentários acerca do trabalho desenvolvido.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE ROMANCES

O romance não morreu; ele se transformou em forma e conteúdo, acompanhando a rapidez cada vez maior da vida contemporânea. (MELO, 2010, p.31)

Pensar em leitura literária é ter uma infinidade de possibilidades de trabalho com uma miríade de textos que circulam tanto na esfera digital como na impressa. Cada gênero tem suas qualidades e poderíamos trabalhar qualquer um deles com o mesmo objetivo, despertar o interesse pela leitura literária.

Os alunos podem explorar, durante a leitura do romance, as inúmeras possibilidades representacionais que se relacionam, uma vez que na “ossatura do romance, enquanto gênero, ainda está longe de ser consolidada, e não podemos prever todas as suas possibilidades plásticas” (BAKHTIN, 2010, p.397). Então, nada melhor do que aproximar os alunos de um gênero inconcluso e maleável, como o romance, para poderem desfrutar dessa gama de possibilidades.

Assim sendo, o romance traz em si o poder de estar sempre em construção e de proporcionar a reflexão tão esperada, pois “o romance está ligado aos elementos do presente inacabado que não o deixam enrijecer. O romancista gravita em torno de tudo aquilo que não está ainda acabado” (BAKHTIN, 2010, p. 417). Essa construção constante é primordial para que despertemos a vontade dos alunos de construir pontes entre o conhecimento adquirido durante a leitura literária e suas vidas para que depois possam caminhar pelas leituras escolhidas por eles mesmos.

Conforme sugere Melo (2010), o romance ocupa na literatura o papel metamórfico. Nesse sentido:

O romance é o gênero da diversidade e da liberdade, pois não se sujeita a regras pré-estabelecidas e está aberto ao novo. É o camaleão da Literatura, pois cresce a cada nova aparência e escapa de cada um que tenta apanhá-lo através de uma teoria classificatória. Buscar, portanto, suas relações com a tradição e a vida social é, ao mesmo tempo, objetivo e desafio para quaisquer pesquisadores interessados em compreender a organicidade desse gênero. (MELO, 2013, p. 8)

De acordo, ainda, com Melo (2010, p. 13), “o romance questiona quem somos ao mesmo tempo em que representa com profundidade o processo da vida humana” e, nesse movimento entre vida, mundo e ficção, de alguma maneira, temos por meio dele “a possibilidade de repensar o que podemos e o que queremos ser, pois acima de sua liberdade estética está a atitude

humanista intrínseca, que repercute na transformação da visão do leitor sobre o mundo no qual está inserido”. (MELO, 2010, p. 13)

Uma vez que

o romance admite introduzir na sua composição diferentes gêneros, tanto literários (novelas intercaladas, peças líricas, poemas, sainetes dramáticos, etc.), como extraliterários (de costumes, retóricos, científicos, religiosos e outros). Em princípio, qualquer gênero pode ser introduzido na estrutura do romance, e de fato é muito difícil encontrar um gênero que não tenha sido alguma vez incluído num romance por algum autor. Os gêneros introduzidos no romance conservam habitualmente a sua elasticidade estrutural, a sua autonomia e a sua originalidade linguística e estilística. (BAKHTIN, 2010, p.124)

Percebemos, assim, que a elasticidade estrutural do romance, bem como sua autonomia e a sua originalidade permitem ao leitor desenvolver atividades; com isso, justifica-se ter o romance como base para uma retextualização em HQ. Como “o homem no romance pode agir, não menos que no drama ou na epopeia - mas sua ação é sempre iluminada ideologicamente, é sempre associada ao discurso (ainda que virtual), a um motivo ideológico e ocupa uma posição ideológica definida” (BAKHTIN, 2010, p.136, destaque do autor), podemos provocar o diálogo de Tistu² com o dia a dia dos estudantes do EFII e, através desse diálogo, instigar os alunos a produzirem, a questionarem e serem protagonistas das ações desenvolvidas durante as atividades propostas na leitura do romance e, também, na retextualização para HQ.

Outro fator importante a ser ressaltado e definido por Bakhtin (2010), é que o plurilinguismo penetra no romance em pessoa e se materializa nas figuras das personagens que falam. Temos assim uma característica importante do gênero romance: o homem, no romance, é essencialmente o homem que fala; o principal objeto do gênero romanesco, aquele que o caracteriza e lhe cria originalidade. Destacamos três momentos para a compreensão dessa afirmação:

1. No romance, o homem que fala e sua palavra são objeto tanto de representação verbal como literária. O discurso do sujeito falante no romance não é apenas transmitido ou reproduzido, mas representado artisticamente e, à diferença do drama, representado pelo próprio discurso (do autor). Porém, a pessoa que fala e - seu discurso constituem um objeto específico enquanto objeto do discurso: não se pode falar do discurso como se fala dos outros objetos da palavra - os objetos inanimados, os fenômenos, os acontecimentos, etc. O discurso exige procedimentos formais especiais do enunciado e da representação verbal. 2. O sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião), e não um ‘dialeto individual’. O caráter individual, e os destinos individuais e o discurso individual são, por si mesmos, indiferentes para o romance. As particularidades da palavra dos personagens sempre pretendem uma certa significação e uma certa difusão social: são linguagens virtuais. Por isso, o discurso de um personagem também pode tornar-se fator de estratificação da linguagem, uma introdução ao plurilinguismo. 3. O sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um ideólogo e suas palavras são sempre um ideograma. Uma

² Personagem principal da obra **O menino do dedo verde** de Maurice Druon.

linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social. Precisamente enquanto ideograma, o discurso se torna objeto de representação no romance e, por isso, este não corre o risco de se tornar um jogo verbal abstrato. (BAKHTIN, 2010, p.135)

No romance, tanto a fala como a palavra da personagem representam não só o discurso verbal como a expressão literária, e sua palavra sempre é carregada de significação, mostrando em sua linguagem um ponto de vista particular sobre o mundo. Esses três momentos definidos por Bakhtin sobre a fala e a palavra do homem no romance explicam o quanto podemos explorar leituras a partir de um romance.

Além disso, o estilo do romance é uma combinação de estilos; sua linguagem é um sistema de línguas, pois:

O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, faz das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas, (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco. É graças a esse plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os seus temas, todo o seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo. (BAKHTIN, 2010, p. 74)

O romance orchestra, graças ao plurilinguismo social e ao crescimento de vozes diferentes, por todos os temas sendo um gênero que contempla qualquer época. Qualquer circunstância permite que invistamos na leitura de romances atualmente com alunos em formação de leitura literária, especificamente no EFII.

Procurar aliar a prática da fascinante leitura literária ao não menos fascinante mundo da informática é uma forma, ou melhor, uma tentativa de aproximar novamente os jovens leitores de atividades práticas de leitura e produção, para que essas habilidades permitam ao aluno perceber o quão importante é a leitura de romances, além de abrir caminhos para as descobertas próprias da arte literária como a leitura de textos multimodais e em suportes diferentes, pois ler uma HQ na tela difere da leitura de uma HQ em papel. “A literatura é feita de fantasia. O mundo é movido por fantasia. É por meio dela que nos acrescentamos ao mundo e nos inscrevemos nele. A fantasia é responsável pelas surpreendências do cotidiano.” (QUEIRÓS, 2005, p.173). Faz parte da função docente selecionar materiais adequados para trabalhar com seus alunos. A qualidade dos recursos utilizados implicará no resultado final.

A modernidade trouxe profundas mudanças na forma de ver e interpretar um texto; não se deve pensar no que o romance quer dizer e sim o que se entende desse romance, como Iser (1996, p.9) elenca:

As causas dessa mudança na tradição baseiam-se, de um lado, na experiência da modernidade, e, de outro, na revolta estudantil. A modernidade se manifesta sobretudo como uma negatividade daquilo que era essencial para a arte clássica: a harmonia, a conciliação, a superação dos opostos, a contemplação da plenitude. O hábito da negatividade na literatura moderna age, por isso, como agressão ininterrupta às nossas convenções orientadoras, desde a atitude até a percepção cotidiana. Em consequência sempre nos acontece algo através dessa arte, e nos cabe perguntar o que acontece. Por isso, a pergunta deve ser alterada, pois ela não visa mais à significação, mas principalmente aos efeitos do texto.

Para Bakhtin (1997):

Toda ampliação da linguagem literária à custa das diversas camadas extraliterárias da língua nacional está intimamente ligada à penetração da linguagem literária em todos os gêneros, em maior ou menor grau, também dos novos procedimentos de gênero de construção do todo discursivo, do seu acabamento, da inclusão do ouvinte ou parceiro, etc., o que acarreta uma reconstrução e uma renovação mais ou menos substancial dos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p.268)

Ressaltamos que o romance, hoje, já não tem o mesmo reconhecimento, pois os leitores mudaram e a forma de ver o romance também mudou. Os leitores ideais de duas ou três décadas atrás não são mais os mesmos leitores da atualidade. Essa afirmação leva-nos a perceber que a comparação usada por Privat entre o leitor e o pescador:

Na representação dominante, o leitor é um pescador. O leitor lê como um pescador pesca. É solitário, imóvel, silencioso, atento ou meditativo, mais ou menos hábil ou inspirado. Considera-se evidente que o leitor é leitor quando lê como o pescador é pescador quando pesca, nem mais, nem menos. Aprender a pescar como aprender a ler consiste então em dominar certas técnicas básicas e experimentá-las, progressivamente, em correntes de água ou frota de textos cada vez mais abundantes. (...) o pescador apenas raramente é esse doce sonhador um pouco marginal e narcisista, esse ser separado do mundo e cujas práticas e felicidade têm algo de misterioso e secreto. O pescador também é membro de um clube ou associação na qual se assegura o secretariado ou assume a presidência. Pagou sua cota da federação, que regula os usos e dita os direitos da pesca. Seguramente gosta de discutir acerca de seu material e contar histórias de pescador a seus amigos no café ou durante o descanso no escritório. (COLOMER, 2004, p.51 *apud* PRIVAT, 2001, p. 54)

Outro fator relevante a ser considerado é a didatização da literatura e o uso quase exclusivo de fragmentos de obras nos livros didáticos como forma de análise. Para se almejar uma leitura mais profunda, devemos propor leituras de forma que as lacunas sejam preenchidas pelos leitores, isso não ocorre ao usar os fragmentos de obras sequenciais para trabalhar o texto literário visto que, um capítulo de um romance sequencial, como em **O menino do dedo verde**, não permite aos alunos preencherem os espaços vazios necessários para sua compreensão e

assimilação, para assim despertar aos poucos o gosto pela leitura. Cremos que esse uso exclusivo de fragmentos afasta os alunos do romance.

Comumente, os livros didáticos e a escola tratam o texto como um produto acabado funcionando como um container, onde se “entra” para pegar coisas, como exemplificado por Marcuschi (2008, p.242):

Mas o texto não é um puro produto nem um simples artefato pronto; ele é um processo e pode ser visto como um evento comunicativo sempre emergente. Assim, não sendo um produto acabado e objetivo nem um depósito de informações, mas um evento ou um ato enunciativo, o texto acha-se em permanente elaboração ao longo de sua história e das diversas recepções pelos diversos leitores. O texto deve preencher alguns requisitos para sua formulação, mas eles não são condições necessárias nem suficientes. A textualidade se dá como um sistema equilibrado de relações entre forma e conteúdo e não como a observância de uma gramática ou conjunto de regras de boa-formação.

Não devemos didatizar a literatura; devemos deixar fluir a imaginação ao ler um romance, não interessam classificações de personagens, clímax da história, quem são os protagonistas ou antagonistas, se o tempo é cronológico ou psicológico, etc. Claro que tais classificações fazem parte do ensino da literatura, mas para leitores já habituados ao texto literário e que já passaram pelo processo de internalização do gosto literário.

Ademais, ao dizer que devemos tomar cuidado para não cristalizar a ideia de que cada gênero tem uma forma fixa, imutável, ao trabalhar com gêneros textuais como objeto de ensino, Dell’Isola (2007, p. 13-14) reforça a ideia de que:

Essa concepção de ensino contribui para que a língua materna se transforme em instrumento indispensável à construção de uma cidadania consciente, de uma democracia em que todos tenham a real convicção de igualdade de oportunidades. Um ensino dessa natureza permite aos aprendizes se tornarem homens que atuam sobre o mundo, com capacidade de estarem abertos à compreensão das diversas linguagens que circulam nas sociedades, uma vez que é indispensável que a escola invista no desenvolvimento de capacidades cognitivas, linguísticas e discursivas para que qualquer indivíduo escolarizado possa ter, em diferentes instâncias, uma plena participação social como indivíduo crítico e ativo diante das muitas realidades.

Então, é papel do professor buscar mecanismos para conquistar o novo público leitor e conseguir guiá-los a serem exímios pescadores de ideias e que os peixes conquistados em cada leitura, de cada pescaria, sejam uma forma de incentivar e vencer essa crise literária que se manifesta hoje não só nas escolas, mas na sociedade moderna.

Para isso, é importante incluir o papel da mediação do professor na educação literária a fim de que consigamos despertar nas novas gerações um permanente debate sobre a cultura que as cercam além de “desenvolver uma capacidade interpretativa que permita tanto uma socialização mais rica e lúcida dos indivíduos como a experimentação de um prazer literário

que se constrói ao longo do processo” (COLOMER, 2007, p.29), uma vez que mediar é se preocupar com a questão de como usar a internet a favor da leitura literária.

Façamos da repetida frase de Gianni Rodari (1982, p.9), “não se ensina literatura para que todos os cidadãos sejam escritores, mas para que nenhum seja escravo” nossa maior motivação para buscar diferentes meios de formar o hábito da leitura entre nossos alunos.

É evidente que a leitura promove a produção de significados, Chartier (1998, p.77) discorre que:

A leitura é uma apropriação, invenção, produção de significados. (...) Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, essa liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas essa liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler.

Se a maneira de ler o texto mudou, seja ele impresso ou eletrônico, é prudente de nossa parte buscar respaldos em leituras e estudiosos sobre o assunto para propor práticas de leitura diferenciadas que possam alcançar nosso objetivo como mediadores e compartilhadores do conhecimento que é despertar nos alunos razões para se ler um romance.

1.2 A LEITURA LITERÁRIA NA BNCC

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, consta que o trabalho tanto da literatura quanto do uso das ferramentas tecnológicas presentes na vida dos alunos como *smartphones*, programas de computadores, sites educacionais, enfim quaisquer meios digitais que possam auxiliar no ensino e no desenvolvimento dos alunos devem ser usados pelos professores.

Na competência específica 3, de língua portuguesa para o ensino fundamental, assegura-se o uso da leitura e produção de textos multissemióticos circulados em diferentes campos de atuação para fomentar a vontade dos alunos em continuar aprendendo:

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo (BNCC, 2017, p.85)

Já a competência 9, abrange as práticas de leitura literária para desenvolver o senso crítico dos alunos e valorizar a literatura como fonte de manifestações artísticas e culturais. Essa

competência específica é pautada na valorização da leitura como meio de explorar o imaginário e as transformações que a literatura pode proporcionar como experiências de vida:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BNCC, 2017, p.85)

Por fim, na competência 10, o documento assegura o uso de práticas da cultura digital como forma de expandir a produção de sentidos, além do uso da reflexão e da aprendizagem necessárias para realizar diferentes projetos autorais.

Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. (BNCC, 2017, p.85)

Já nas habilidades do campo artístico-literário, o documento descreve que devemos possibilitar aos estudantes dos anos finais do ensino fundamental a arte literária para que eles possam conhecê-la, compreendê-la e fruí-la de forma plena para o despertar do senso crítico e o gosto pela leitura literária. Para isso, devemos ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, por meio das mídias que dão sustentação a essas manifestações.

HABILIDADES CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO – O que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruí-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica, por meio: - da compreensão das finalidades, das práticas e dos interesses que movem a esfera artística e a esfera literária, bem como das linguagens e mídias que dão forma e sustentação às suas manifestações; - da experimentação da arte e da literatura como expedientes que permitem (re)conhecer diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade; - do desenvolvimento de habilidades que garantam a compreensão, a apreciação, a produção e o compartilhamento de textos dos diversos gêneros, em diferentes mídias, que circulam nas esferas literária e artística. Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores. (BNCC, 2017, p.154)

Sendo assim, é papel do professor, enquanto mediador, proporcionar aos alunos, por meio da leitura literária, o deleite da leitura e o hábito de ler, para que reconheçam diferentes maneiras de pensar e consigam se posicionar diante de quaisquer situações que envolvam a

leitura, especialmente do romance. Para isso, é importante a inserção de atividades que envolvam a leitura literária de forma atrativa e prazerosa a fim de despertar neles experiências únicas e transformadoras, não só dos sentidos do texto, mas também no compartilhamento de ideias, opiniões e posicionamentos.

Nas escolas, é comum, quando se pensa em leitura literária, surgir o questionamento de como seria um leitor ideal ou um leitor contemporâneo na modernidade. Qual seria a melhor maneira de conquistar os jovens para que se tornem leitores assíduos? O hábito da leitura literária é despertado a partir de quais práticas?

1.3 LEITORES IDEAIS E LEITORES CONTEMPORÂNEOS

A leitura literária desperta o senso crítico, melhora o desempenho das produções escritas além de ampliar o seu vocabulário. Através da leitura e compreensão de textos literários, especialmente o romance, desenvolve-se habilidades imprescindíveis, pois, além de ser prazerosa contribui para o enriquecimento intelectual e cultural dos alunos. Como elenca Candido (2004, p.174):

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola. O samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.

Por isso, investir no desenvolvimento cognitivo e linguístico dos discentes através de atividades que promovam uma participação social mais ativa, tornando-os indivíduos mais críticos e ativos diante de muitas realidades (DELL'ISOLA, 2007), com atividades de produção de histórias em quadrinhos (HQs), tendo por base o romance.

Para Moran (2000, p.63), “ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial”.

A tecnologia não tira dos alunos a vontade de ler, ela só veio a ocupar seu espaço, resta a nós usá-la a nosso favor mostrando que a era tecnológica do século XXI pode auxiliar na prática da leitura e da interpretação de textos.

Geraldi assegura que “quando se trata da mediação escolar feita pelo professor, é fundamental que este tenha em seu horizonte os leitores em formação, os seus alunos, para quem os textos a serem lidos – e aqueles com quais ele será cotejado – são oferecidos à leitura.” (2013, p.47), é fundamental planejar o que queremos com a leitura de uma obra, quais os objetivos que pretendemos alcançar e como será a recepção dos alunos para a leitura da obra escolhida e buscar meios de ter as ferramentas tecnológicas como aliadas nesse processo de mediação da leitura.

Não podemos procurar uma obra por catálogos, devemos ler e se, durante a leitura, percebermos que aquele texto literário pode despertar o interesse de nossos alunos, planejarmos atividades para a pré-leitura, para a leitura e também para a pós-leitura. Pois:

Ler uma obra de arte é (re)criar um caminho de construção de uma compreensão, que será mais profunda quanto mais lermos obras de arte (aqui incluídas as mais diferentes formas de expressão artística), que permitirão ao leitor estabelecer diálogos entre textos, mesmo que estes diálogos não tenham sequer sido imaginados em seu processo de produção. Não importa que textos traremos à baila a cada leitura. Importa trazê-los e para trazê-los é preciso construir uma chave de leitura, aquela que ao contato com o texto lhe “fere a corda íntima”. Se essa intimidade não estiver presente, transformamos a leitura de uma obra de arte na leitura de um texto referencial, científico ou não. E para trazer à baila outros textos, é preciso ser leitor. Ninguém pode oferecer ao texto outros textos com que cortejá-lo se não for leitor. Ser mediador de leituras na escola é ser leitor, e como leitor, ser capaz de enriquecer o contato do leitor iniciante pela oferta de outros textos com os quais cotejar o que se leu e como se leu o que se leu. (GERALDI, 2013, p.46)

Quando propomos atividades com uma obra de arte, tal como o livro, por exemplo, se não formos leitores, o efeito nos alunos pode ser desastroso, podemos provocar a rejeição pela leitura e não o prazer em conhecer a partir dela. Por isso, a importância da mediação para propormos atividades, especialmente com romances na formação de leitores literários, sendo assim, Colomer (2007) ressalta que devemos estimular a escola a dedicar mais atenção ao trabalho com obras integrais e aumentar a conexão entre leitura e escrita, com isso, aceitamos que o tipo de livros lidos determina o leitor que se forma.

Outro aspecto importante sobre a leitura literária está em causar a ruptura de expectativas durante o ato de ler. Liberato e Fulgêncio (2007) ressaltam que uma das diferenças entre os textos literários e os informativos é o fato da literatura explorar o desvio da expectativa do leitor, promovendo surpresa, e criando impacto no leitor ao jogar com o inesperado. Se podemos buscar nos romances, durante a leitura, esse espanto em alunos do EFII, conseguimos

um caminho interessante de formação de leitores, quebrando expectativas, conseguimos instigar a imaginação e a criticidade dos alunos do 6.º ano.

Vale ressaltar que no Currículo Referência de Minas Gerais há uma preocupação em “ponderar que o texto literário não deve ser usado apenas como pretexto para abordagens sobre a língua, mas, principalmente, para contribuir na formação de leitores capazes de reconhecer e apreciar os usos estéticos e criativos da linguagem. (p.218)”, ou seja, devemos propor atividades de leitura literária e não usar o texto literário como escudo para conteúdos gramaticais.

Como a literatura, segundo Colomer (2007), nos prepara para ler melhor todos os discursos sociais, trabalhar a leitura do romance para produzir HQ é um bom andaime educativo, uma maneira também de aprender os mecanismos do funcionamento linguístico em geral. Por isso, devemos dedicar um tempo de nosso planejamento para programar atividades que favoreçam o interesse pessoal e fazer com que nossos alunos se sintam pertencentes ao universo dos livros. De acordo ainda com Colomer:

É a partir deste valor formativo que se pode afirmar que o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a *formação da pessoa*, uma formação que aparece ligada indissolivelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem. Em segundo lugar o confronto entre os textos literários distintos oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade *social e cultural*, no momento em que têm início as grandes questões filosóficas propostas ao longo do tempo. (COLOMER, 2007, p.31, grifo da autora)

Os alunos do 6.º ano são leitores ainda em formação, diferente do que se pode pensar que é um processo dedicado ao Ensino Fundamental I; por isso cabe aos professores de língua portuguesa do EFII planejar atividades com textos literários que ofereçam aos alunos oportunidade de enfrentar as diversidades sociais e culturais para que desenvolvam sua criticidade, sejam protagonistas das suas ações e se tornem mais participativos em atividades como debates, produções textuais, resenhas etc. pois,

a educação literária serve para que as novas gerações incursionem no campo do debate permanente sobre a cultura, na confrontação de como foram construídas e interpretadas as ideias e os valores que a configuram. Por conseguinte, tratava-se de desenvolver uma capacidade interpretativa, que permita tanto uma socialização mais rica e lúcida dos indivíduos como a experimentação de um prazer literário que se constrói ao longo do processo. O aprendizado, então, se concebe centrado na leitura das obras. (COLOMER, 2007, p.29)

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e a inserção das mesmas nos espaços escolares fomentam as ações acerca do viés tecnológico nos espaços escolares. A utilização dessas tecnologias favorece um ensino atrativo condizente com a necessidade e o perfil atual do alunado pertencente à escola pública estadual na qual desenvolvemos a

pesquisa.

Dessa forma, surgiu um novo desafio para as escolas: atender um novo perfil de aluno. Aluno esse inserido num contexto global, ao qual faz uso dos mais variados recursos tecnológicos, que são para ele caminhos atrativos, uma vez que disputam as curtidas e postagens nas redes sociais, querem participar dos jogos *on-line*, dentre outras atrações que as tecnologias proporcionam aos seus usuários. Abstrair os recursos tecnológicos da sala de aula não é sinônimo de garantia da aprendizagem, pois os estudantes sempre conseguem alguma forma de burlar tais proibições.

Então, usar da interação entre professor e alunos e explorar a criatividade deles em meio a tantos recursos tecnológicos precisam ser mediados. Não devemos lutar contra os avanços da tecnologia, devemos trazer para as aulas mediações que explorem também os recursos e façam os alunos produzirem. Instigar a criatividade dos estudantes para usar os aparelhos e explorar a imaginação deles para que a aprendizagem se efetive é aliar a educação ao contexto global.

Segundo Iser (1996), os críticos conhecem vários tipos de leitor, que são invocados quando se trata do efeito e da recepção da literatura. Por isso, se destacam tipos como o leitor ideal e o leitor contemporâneo; o primeiro é suspeito de ser mera construção; e, o segundo, embora existente, dificilmente é concebível como construção suficiente para enunciados abrangentes. Esses tipos de leitor se diferenciam pelo fato de que alguns evidenciam mais a construção, outros o substrato empírico; desse modo se documentam as metas do conhecimento, assim como a confiabilidade dos enunciados sobre os efeitos literários.

Na história da recepção, muito se interessava por aquilo que os leitores pensavam da obra em épocas diferentes, revelando as normas de avaliação dos leitores. Era um ponto de referência para a história social do gosto do leitor. Opondo-se ao leitor do passado surge a ideia do leitor ideal, que deveria ter as mesmas intenções do autor em transcodificar os códigos dominantes do texto. Então, o leitor ideal deveria ter o mesmo código que o autor. Isso implicaria que o leitor ideal deveria ser capaz de realizar, na leitura, todo o potencial de sentido do texto ficcional.

Portanto, o leitor ideal seria como uma ficção, carecendo de um fundamento real, sendo aí sua utilidade, preencher as lacunas da argumentação. Iser (1996) ao discorrer que o leitor ideal é uma ficção retratará que o caráter de ficção permitia ao leitor ideal se revestir de capacidades diversas, conforme o tipo de problema que se procurava solucionar. Pois:

Todo texto literário oferece determinados papéis a seus possíveis receptores. Esses papéis mostram dois aspectos centrais que, apesar da separação exigida pela análise, são muito ligados entre si: o papel de leitor se define como estrutura do texto e como

estrutura do ato. Quanto à estrutura do texto, é de supor que cada texto literário representa uma perspectiva do mundo, criada por seu autor. O texto, enquanto tal, não apresenta uma mera cópia do mundo dado, mas constitui um mundo do material que lhe é dado. (ISER, 1996, p.73)

Então o papel do leitor, de realizar histórica e individualmente de acordo com as vivências e a compreensão previamente constituída que os leitores introduzem na leitura, representa um leque de realizações que, quando se concretizam, ganham uma atualização determinada.

Por isso, a atualização do texto se torna acessível à avaliação, pois toda concretização se dá diante do pano de fundo das estruturas de efeito contidas no texto. Cabe ressaltar que esse modelo de leitor ideal não devemos procurar, ou seja, na modernidade o modelo proposto para leitura literária defendida brilhantemente por Candido (2004) não nos cabe mais. Uma possível forma “ideal” é buscar meios de conquistar o leitor contemporâneo, com as ferramentas tecnológicas existentes poderemos buscar o preenchimento dos espaços vazios propostos pela recepção de Iser.

Segundo Chartier (1998), se concordamos sobre o que deve ser a leitura, os considerados não-leitores leem, mas leem não o que o cânone escolar define como leitura legítima. Embora o problema não seja o de considerar estas leituras de fraca legitimidade cultural. É preciso utilizar aquilo que a escola tradicional rejeita como suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, ir ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar.

Iser (1996) resume que se pensarmos no papel do leitor perceptível no texto, ele é composto por uma estrutura do texto e uma estrutura do ato. Se a estrutura do texto estabelece o ponto de vista para o leitor, então isso significa que ela leva em conta uma regra elementar da nossa percepção que diz que nosso acesso ao mundo sempre é a percepção. Portanto, cabe ao leitor desvendar o universo de possibilidades que o texto literário proporciona. Fazendo do mundo da leitura uma fonte inesgotável de conhecimento.

Uma das práticas que pode auxiliar na produção textual a partir de uma leitura assídua e completa de um texto literário, que permite desenvolver o senso crítico e imaginativo dos alunos, é a retextualização. Ao lado do letramento literário, torna-se mais uma ferramenta para desenvolver o gosto e o hábito da leitura de um romance.

1.4 RETEXTUALIZAÇÃO

Dell’Isola (2007) define a retextualização como uma atividade de linguagem no ensino de língua portuguesa que consiste na refacção e reescrita de um texto para outro, processo que envolve o funcionamento social da linguagem. Visa a um ensino que favoreça a compreensão de que a língua é um produto histórico-social.

Essa atividade envolve vários aspectos primordiais para o ensino efetivo com a produção textual e a leitura assídua, dentre eles, devemos ressaltar que para se produzir algo é preciso ter compreendido bem o que lemos e o que queremos dizer a partir da leitura, pois se propusermos uma atividade de retextualização, sem despertar a atividade cognitiva da compreensão, poderá surgir problemas de coerência.

O desafio de transformar o conteúdo do romance em HQ, mantendo a fidelidade às suas informações de base é produtivo, pois ao conduzir os alunos a desenvolverem a capacidade de compreender os textos dos mais variados setores de nossa sociedade através dos textos que ele mesmo produz e consome conduz a uma prática que envolve muito mais do que o desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita.

Dell’Isola (2007) ressalta também ser possível um mesmo tema ser apresentado por meio de diferentes gêneros textuais. Ao recriar novos textos os alunos podem modificar ou transformar sem deixar de conter elementos de textos precedentes, de forma explícita ou implícita e esses conhecimentos adquiridos sirvam para o uso, para a leitura e produção textual de modo que se apropriem dos conhecimentos adquiridos para realizarem tarefas de escrita.

Baseados nesses apontamentos, escolhemos a retextualização do romance para HQ. Para isso, recomendamos aos alunos a leitura do romance na íntegra e

estimular a escola a dedicar mais atenção à leitura de obras integrais (reduzindo o tempo dedicado a trabalhar as habilidades leitoras desintegradas), a aumentar a conexão entre leitura e escrita (invertendo os termos, inclusive) e a deixar de considerar o material de leitura como uma substância neutra denominada ‘textos’ para aceitar que o tipo de livros lidos determinam o leitor que se forma. (COLOMER, 2007, p.108)

Escolhida a obra a ser trabalhada de forma integral, convidamos os alunos a observarem seus elementos narrativos, a progressão textual, o contexto de criação, a informatividade, a situacionalidade e a intertextualidade. Em seguida, verificamos o nível de compreensão da turma em relação à leitura para, então, propormos a retextualização do mesmo para história em quadrinhos e, assim, identificar as características essenciais do produto da retextualização.

Marcuschi (2008) expõe que escrever não é simplesmente comunicar ou transmitir para o papel algo que está em nossa mente ou no mundo e que deve ser captado por outras pessoas, todo texto ou ideia parte de outro texto. Pois se a língua não é um sistema de representação da

realidade ou de ideias, a escrita é uma invenção permanente do mundo e a leitura é uma reinvenção.

Se existe sempre a interdependência de um texto em relação a outros já produzidos, não temos textos totalmente genuínos; evidentemente um mesmo assunto é apresentado por mais de um gênero textual sem deixar de conter elementos explícitos ou implícitos de textos anteriores, pois:

Se a língua é atividade interativa e não apenas forma, e o texto é um evento comunicativo e não apenas um artefato ou produto, a atenção e a análise dos processos de compreensão recaem nas atividades, nas habilidades e nos modos de produção de sentido bem como na organização e condução das informações. Como o texto é um evento que se dá na relação interativa e na sua situacionalidade, sua função central não será a informativa. Os efeitos de sentido são produzidos pelos leitores ou ouvintes na relação com os textos, de modo que as compreensões daí decorrentes são fruto do trabalho conjunto entre produtores e receptores em situações reais de uso da língua. O sentido não está no leitor, nem no texto, nem no autor, mas se dá como um efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas. (MARCUSCHI, 2008, p.242)

Portanto, temos o compromisso de ensinar os usos da língua e usar todos os mecanismos possíveis para que tenhamos êxito nos objetivos planejados, sabemos que a língua portuguesa é heterogênea e mutável sendo a leitura de textos variados que permitirá um maior contato com as variedades linguísticas e assim a aprendizagem poderá se concretizar.

Bakhtin (1997) afirma que toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta. O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, mas uma resposta, uma concordância, uma participação. O empenho em tornar inteligível a sua fala é apenas o momento abstrato do projeto concreto e pleno de discurso do falante.

As atividades de retextualização podem auxiliar como uma das práticas do letramento literário, pois o mesmo implica usos sociais da escrita, então é necessário haver um modo de trazer o leitor para a leitura antes de realizar qualquer tarefa. Pois:

Para certas obras o leitor não apenas precisa de ajuda, mas um certo ‘valor moral’, uma disposição de ânimo de “querer saber”. Nem todo mundo, nem sempre, o deseja. É útil pensar a educação literária como uma aprendizagem de percursos e itinerários de tipo e valor muito variáveis. A tarefa da escola é mostrar as portas de acesso. A decisão de atravessá-las e em que medida depende de cada indivíduo. (COLOMER, 2007, p.68)

Atividades que despertem o interesse dos alunos em ler uma obra literária é mostrar a porta de acesso a eles, desde que busquemos atividades de pré-leitura (que preparem o aluno para a leitura e minimize possíveis dificuldades de compreensão durante a leitura), atividades

de leitura (que despertem no aluno sua vontade de preencher os espaços vazios) e de pós-leitura (atividades que coloquem os alunos como protagonistas, que vejam um porquê da leitura, e a retextualização é um dos caminhos para atingirmos esse objetivo).

Rildo Cosson (2014) defende que o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma e que a literatura deve ser ensinada na escola pois:

o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2014, p. 23)

Então é papel do professor encorajar os alunos ajudando-lhes de forma continuada para que descubram sentido nas atividades propostas de leitura e entendam que possam ser potenciais criadores de literatura. Para que tenham prazer em ler precisam passar pelo letramento literário, o mesmo autor defende ainda que:

na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, 2014, p.65)

Já Zaponne (2008) define letramento literário como uma forma de analisar alguns aspectos que tangem os modos de produção, recepção e circulação da literatura e, consequentemente, seu ensino. Ela ainda define que, se o letramento literário pressupõe práticas que usam a escrita literária pensada como um gênero que admite a ficcionalidade como traço principal, é possível observar o letramento literário em inúmeros espaços que não apenas a escola.

Portanto, os alunos podem relacionar-se com o ficcional por meio de diversas práticas, com contextos e objetivos diferentes, como a internet, os quadrinhos, o cinema, dentre outros, desde que os alunos sejam esclarecidos sobre seu propósito para que o letramento literário alcance certa coerência, escolhemos trabalhar com HQ por ser um gênero bem aceito entre as crianças e adolescentes. Os quadrinhos foram, por muito tempo, rotulados como subgênero; contudo, as HQs têm ganhado cada vez mais força, vê-se uma relação entre quadrinhos e educação mais harmoniosa.

A presença deles nas avaliações externas (SIMAVE³ e SAEB⁴) e a distribuição de obras ao ensino fundamental por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola levaram a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e como consequência para a realidade pedagógica dos professores. (RAMOS, 2009). Com isso, há uma forte tendência em retextualizar cânones da literatura, demonstrando assim que grandes histórias podem ser contadas sob o viés da arte sequencial.

Então, a escola não pode permanecer como está, no modelo do século anterior, para que se desenvolva tem de modificar e dar oportunidade aos alunos desfrutar de um cardápio diferente do que geralmente lê e levá-los a uma reflexão, pois conhecer algo diferente significa fazer relações entre as coisas e como elas são possíveis. Para isso, o ambiente digital é uma forma de conquistar leitores literários do futuro, para que não haja um distanciamento entre a leitura literária proposta pela escola e as tecnologias digitais.

³ Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública

⁴ Sistema de Avaliação da Educação Básica

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO AMBIENTE DA PESQUISA E A ESCOLHA DA OBRA

A pesquisa⁵ foi realizada em uma escola pública estadual, localizada na cidade de Patos de Minas, Minas Gerais. A instituição escolhida como locus da pesquisa é o espaço de atuação do pesquisador que pôde desenvolver um olhar atento a respeito de sua funcionalidade, além de proporcionar novas perspectivas acerca do trabalho pedagógico, voltado para a multimodalidade textual e a possibilidade de levar os alunos a manter contato com práticas de leitura e de escrita de HQ em ambiente digital.

Esse ambiente ainda é pouco explorado na escola, mesmo tendo um laboratório de informática com acesso à internet, usado geralmente para pesquisas e jogos de aplicativos instalados, mostra que se mudou o ambiente da aula, mas manteve a mesma postura de colocar o professor como ativo no processo de aprendizagem e o aluno como receptor passivo das informações.

Levar os alunos para transcrição dos verbetes do Wikipédia não os colocamos como protagonistas para adquirir conhecimento, os discentes precisam ver sentido no que leem, por que e para que produzem algo. Muitos jogos usados como educativos são mera reprodução de exercícios dos livros didáticos somente em outro formato, então é necessário que tenhamos iniciativa de propor atividades no ambiente virtual para despertar o senso investigativo deles e mostrar os propósitos das aulas no laboratório.

Pensando em utilizar o ambiente digital tendo o aluno como protagonista foi um dos objetivos que propusemos aliado ao trabalho de mediação do professor, compartilhando os conhecimentos durante a leitura para transmitir segurança ao leitor e revelar a ele o desejo de ler o texto literário.

O estudo feito caracteriza-se como uma pesquisa-ação cujos principais aspectos são beneficiar os participantes por meio de processos educacionais inovadores a fim de transformar as metodologias educacionais tornando, assim, os educandos mais participativos e interagindo melhor com os processos de ensino-aprendizagem.

Segundo Elliott (1997), a pesquisa-ação permite superar as lacunas existentes entre a pesquisa educativa e a prática docente, ou seja, entre a teoria e a prática, e os resultados ampliam as capacidades de compreensão dos professores e suas práticas, por isso favorecem amplamente as mudanças.

⁵ Por ser uma pesquisa que abrange seres humanos, o projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), com o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 93922318.3.0000.5154.

O educandário é bastante heterogêneo, existe há 32 anos e oferta à comunidade o atendimento de crianças e adolescentes do Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio, de 6 a 17 anos e funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Participaram da pesquisa todos os alunos do 6.º ano do Ensino Fundamental II da unidade escolar, ou seja, 61 alunos no ano de 2018 e deram continuidade no 7.º ano, em 2019, 51 alunos uma vez que 5 alunos foram transferidos para outras escolas e 3 alunos foram reprovados e 2 pediram para sair da pesquisa. Escolhemos para o desenvolvimento do trabalho com os pesquisados a leitura do romance **O menino do dedo verde** de Maurice Druon para a produção de Histórias em Quadrinhos (HQs) no ambiente virtual utilizando o site *toondoo.com*.

Vale ressaltar que, ao escolher trabalhar com a leitura literária, tivemos consciência de que os alunos não são assíduos leitores se o professor também não for um leitor pois “[o] primeiro requisito, portanto, para que o contato aluno/texto seja menos doloroso possível é que o mestre não seja um mau leitor. Que goste de ler e pratique leitura” (LAJOLO, 2000, p.54), sendo assim, o professor deve demonstrar carinho, respeito e admiração para a leitura da obra proposta como trabalho.

A escolha do livro de Druon, primeiramente, foi pelo número disponível na biblioteca (10 exemplares), o que facilitou o manejo entre os alunos para as atividades de leitura propostas. Outro fator primordial pela escolha da obra foram os temas abordados como guerra, meio ambiente, além da identificação dos nossos alunos inseridos na pesquisa com a personagem principal, um menino que tinha várias habilidades, mas não conseguia aprender na escola pelos métodos tradicionais.

Propomos trabalhar de maneira interativa, partilhamos das palavras de Lajolo quando elenca que “se a relação do professor com o texto não tiver significado, se ele não for um bom leitor, tão grandes as chances de que ele seja um mau professor” (2000, p.53), acreditamos que o professor é o espelho para seus alunos e julgamos acertada a escolha das aventuras de Tistu para trabalharmos com os alunos do 6.º ano do Ensino Fundamental II (EFII) uma vez que é uma obra que contém os temas para o desenvolvimento das atividades pensadas de acordo com os objetivos propostos na intervenção.

Neitzel elenca que:

A imaginação é uma competência que pode ser estimulada por diversas vias, uma delas pelo exercício da leitura de obras literárias. O imaginário da criança se constitui por meio do acesso aos bens imateriais que o nutrem, o que influencia sua capacidade comunicativa e criativa, além de possibilitar o desenvolvimento de sua sensibilidade, se tivermos como objetivo favorecer o desenvolvimento estético das crianças, é imprescindível a educação pela sensibilidade, que infere diretamente na

formação intelectual do homem; as artes, de um modo geral, contribuem para o desenvolvimento de competências necessárias para o exercício de profissões que estejam pautadas nos princípios da ética e da criatividade, por exemplo. (NEITZEL, 2010, p.151)

Se somos espelhos para o corpo discente devemos promover momentos para que a imaginação possa fluir e nesse processo de criação despertar a sensibilidade através da leitura dos ensinamentos de Tistu.

Segundo Freitas (2012), devemos mediar o desenvolvimento da leitura para exercitar a compreensão do aluno, desenvolvendo sua capacidade de ler com segurança, decodificar com clareza e reconhecer com rapidez as palavras para uma leitura fluente. A mediação na leitura acontece na dinâmica da interação.

Ademais, baseamos a pesquisa nas diretrizes de quatro competências específicas para o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental II do Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG), documento elaborado a partir dos fundamentos educacionais expostos na nossa Constituição Federal (CF/1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), no Plano Nacional de Educação (PNE/2014), na Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017) respeitando a diversidade de povos, culturas e tradições existentes no vasto e rico território do estado de Minas Gerais. Como o documento visa ao planejamento das práticas dos educadores em prol de uma educação inclusiva, igualitária e democrática são elas:

Competência 3 - Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. (p.211)

Desenvolver as atividades para leitura literária e retextualização em quadrinhos é buscar atingir os objetivos dessa competência 3, uma vez que os alunos ao lerem o romance puderam partilhar informações, experiências e sentimentos que trouxeram a eles vontade de continuar aprendendo.

Já na competência 8 - “Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).(p.211)” mostra que escolher um romance completo e não fragmentos, como muitas vezes encontramos nos livros didáticos, é um trabalho produtivo para buscar novas formas de desenvolver atividades para os alunos despertarem o interesse pelo estudo, pela pesquisa e pelo entretenimento que a leitura literária pode proporcionar.

Outra competência importante de ser ressaltada no nosso trabalho é a:

Competência 9 – Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (p.212)

Pois a arte literária permite desenvolvermos o senso estético para fruição e, assim, podemos mostrar aos alunos que a leitura literária pode despertar o imaginário, o encantamento e as diversas possibilidades de criação a partir da literatura.

E, finalmente na Competência 10 – “Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. ” (p.212) pudemos, através da criação da HQ, no site *toondoo.com* trabalhar com práticas de produção textual utilizando as ferramentas digitais.

Ler é pontual e próprio da esfera escolar, pois, a escola é responsável por apresentar e aproximar os alunos dos textos sejam eles literários ou não, mesmo assim não está ajudando a tornarem-se leitores. O encantamento pela descoberta do universo da leitura nos primeiros anos escolares vai perdendo o vigor e quando os alunos chegam no 6.º ou 7.º ano do ensino fundamental perde-se muito o entusiasmo de ler e fica cada vez mais difícil a tarefa de incentivar ou despertar o interesse pela leitura, principalmente a de romances. Colomer (2007, p.42) aponta um fator de muita relevância:

É preciso levar em conta que estamos falando de alunos que diferentemente das gerações imediatamente anteriores às que pertencem seus pais e professores, não adotam a leitura como uma prática que lhes defina pessoalmente, quase como uma forma de rebelar-se contra o que está à sua volta.

No entanto, os resultados relacionados ao desempenho em leitura das escolas públicas não são animadores, de acordo com os últimos resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), aplicado em estudantes a partir do 7.º ano, em 2016, o Brasil continua ocupando a 59.ª colocação em leitura entre os 70 países avaliados.

Muito se fala sobre melhorar o desempenho e as habilidades de leitura nos alunos desde os anos iniciais até o fim do Ensino Médio. Mas o que vemos a cada ano é um público leitor mais distante da leitura literária e, conseqüentemente, com pouco domínio das habilidades necessárias para uma fruição satisfatória.

Então, um dos pontos a ser considerado e discutido na escola para que o cenário apresentado possa mudar deveria ser buscar novas formas de estabelecer a função de aprendizagem linguística que a literatura é capaz de desenvolver na escola. Mas, segundo Colomer (2007, p.38), “o problema é que, apesar do tempo transcorrido, não se chegou a um

consenso sobre quais devem ser os conhecimentos explícitos e as formas de ação que se devem ensinar ao longo da etapa escolar”. Ela ainda elenca que um possível erro do ensino da literatura na escola se deve ao tipo e ao nível dos instrumentos de interpretação literária que foram postulados.

Vivemos na era da informática e da agilidade de informações e circulação de textos pelos meios eletrônicos; portanto, precisamos entender que a educação literária proporciona às novas gerações de alunos um debate permanente sobre cultura e é capaz de desenvolver uma capacidade de interpretação que só a experimentação de um prazer literário pode proporcionar.

Através da leitura e compreensão de textos literários, especialmente o romance, desenvolvem-se habilidades imprescindíveis, pois além da leitura literária ser prazerosa contribui para o enriquecimento intelectual e cultural dos alunos ao despertar seu lado subjetivo e o insere num universo de leitores fluentes que extrapolam os muros da escola e leiam para adquirir mais conhecimentos, novas experiências e novos caminhos a explorar.

Por isso, a referida pesquisa manteve um caráter relevante, pois oportunizou reflexões acerca da inserção da leitura de romances e produção de HQs no contexto escolar e seus efeitos no fortalecimento de práticas pedagógicas inovadoras para uma mudança da cultura das escolas de que a produção de textos deve ser apenas na sala de aula e ver o laboratório de informática não como um local sem utilidade, mas sim um aliado às práticas que fomentem e favoreçam ambientes para o desenvolvimento do senso crítico e criativo dos alunos.

Sabemos que a literatura proporciona o desenvolvimento da expressividade verbal e da ampliação do repertório linguístico. Professores de língua portuguesa relatam que, cotidianamente, a maioria dos estudantes no 6.º ano do EFII quando questionados quanto à leitura de obras literárias (seja por vontade e não por obrigação), confirmam que não leem ou, na pior das hipóteses, nunca tiveram incentivo para tal prática, principalmente do romance.

Vê-se o romance, muitas vezes, trabalhado com fragmentos nos livros didáticos, como um apoio de conteúdos gramaticais ou, durante as aulas de literatura, com uma única possibilidade de interpretação, geralmente aquela definida pelos professores, pelos críticos ou pelas escolas literárias, tolhendo a capacidade dos alunos de preencherem os espaços vazios durante a leitura e adquirirem seus próprios sentidos ao ler o romance.

Pensando nisso, procuramos mudar essa postura e aliar a prática da fascinante leitura literária ao não menos fascinante mundo da informática. E assim, desenvolver através de atividades práticas de leitura e produção, habilidades que permitam ao aluno perceber o quão importante é a leitura de romances, além de abrir caminhos para as descobertas desse fantástico mundo da imaginação.

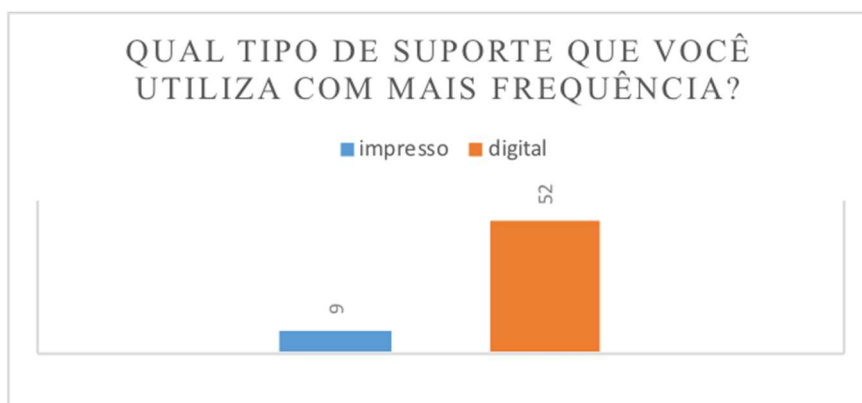
Desta maneira, o enfoque da pesquisa foi a elaboração de um conjunto de práticas pedagógicas para que os professores do ensino fundamental possam buscar uma preparação de aulas nesta perspectiva, envolvendo o uso crítico da cultura midiática, que despertem o interesse dos estudantes em aprender e que de fato oportunizem estímulos para a assimilação da leitura de romances e produção de textos multimodais através de retextualizações e reescritas, especificamente no ambiente virtual na criação de HQs, dando-lhes oportunidade não só da leitura por prazer, mas também como instrumento capaz de oportunizar novos conhecimentos, tornando-os mais conscientes e críticos.

2.1 ANÁLISE DO PERFIL DOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Inicialmente, aplicamos um questionário e uma entrevista semiestruturada (Apêndice A) com a finalidade de conhecer melhor o perfil dos participantes da pesquisa e constatar alguns dados que supúnhamos, mas precisávamos de dados concretos que confirmassem nossas impressões a respeito dos 61 alunos que participaram do projeto.

A fidedignidade das respostas se deve a não assinatura nas folhas tanto do questionário quanto da entrevista semiestruturada, deixamos os alunos bem à vontade ao explicar que precisávamos que eles fossem sinceros ao responder, não era para deixar o nome escrito e quem recolheu as folhas foi um aluno que se prontificou para isso. Além de falarmos que ninguém teria acesso às respostas deles, a não ser os interessados na pesquisa e como não era nominal/identificado, não haveria nenhum constrangimento para responderem pensando em sanções. Como são crianças na faixa de 11 anos, pelas respostas colhidas, percebemos que estavam bem livres para responderem.

Gráfico 1 – Suporte de leitura



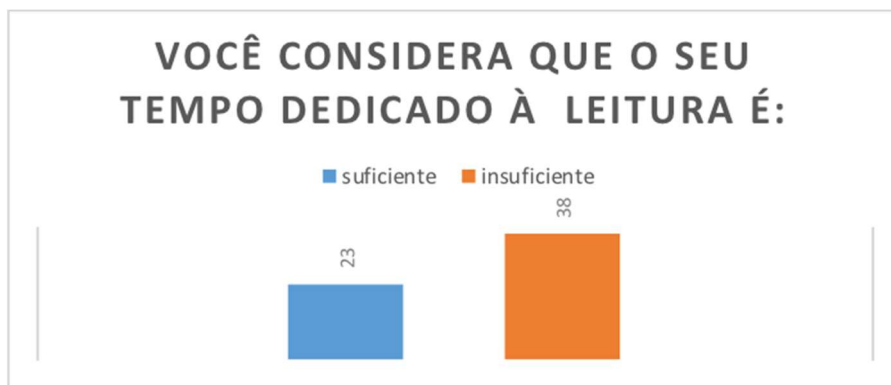
Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Constatamos que 86% dos participantes utilizam o suporte digital com mais frequência que os impressos, tínhamos consciência de que a tecnologia é o principal meio de acesso à leitura, seja ela literária ou não.

A globalização permitiu a agilidade das informações com apenas um clique e os participantes têm nas mãos tantos recursos e desejam ver tudo ao mesmo tempo. Nesse universo de possibilidades de informação na internet, há uma procura constante por informações que logo ficam defasadas.

Por isso é preciso que a escola ofereça aos estudantes uma formação necessária para que saibam ler e compreender não só os textos impressos, mas aqueles que leem constantemente em seus aparelhos eletrônicos.

Gráfico 2 - Tempo para leitura

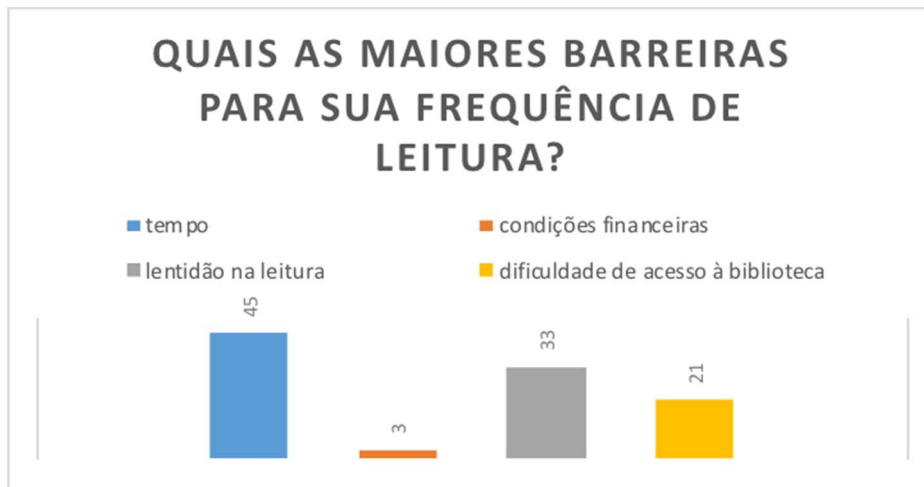


Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Percebemos que os participantes da pesquisa sempre escutam dos professores, alguns pais ou pessoas próximas e meios de comunicação discutirem e afirmarem a necessidade que temos de ler mais para nos tornarmos pessoas mais críticas, com raciocínio mais rápido, etc. por internalizar tais conceitos de leitura, cremos que os 62,5% responderam ser insuficiente o tempo destinado à leitura.

Não quisemos intervir nas respostas, por isso não falamos qual seria o tipo de leitura, mesmo sabendo que ao nos sentarmos à frente de um computador para acessar o Facebook ou mesmo no smartphone ao acessarmos o whatsapp estamos fazendo leituras. Cremos que se falássemos sobre essa visão de leitura poderia mudar o percentual de respostas.

Gráfico 3 – Barreiras para leitura



Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Nesse questionamento, explicamos que poderiam marcar mais de uma opção. As condições financeiras e sociais dos participantes da pesquisa são bastante heterogêneas, mesmo assim, percebemos que o financeiro representou apenas 5% como barreira para se ler, 35% dos estudantes julgaram dificuldade de acesso à biblioteca, isso porque há pouco incentivo em pegar emprestados os livros disponíveis na biblioteca da escola e a biblioteca municipal se encontra um pouco distante da maioria dos alunos, cerca de 3 km.

Já 54% deles foram conscientes que o entrave está na lentidão de leitura, constatamos com isso que, nas séries iniciais, a cada dia que passa, se lê menos e ao chegar no 6.º ano sem o hábito de leitura a fluência é deficitária e se torna mais fácil para eles alegarem que não gostam de ler.

Finalmente, 74% dos participantes da pesquisa julgaram o tempo ser a maior barreira para a leitura, não ter tempo para ler aos 11 anos realmente mostra a necessidade de despertar o gosto e a vontade de usar um pouco desse tempo para tal prática.

Gráfico 4 – Tempo para realização de tarefas



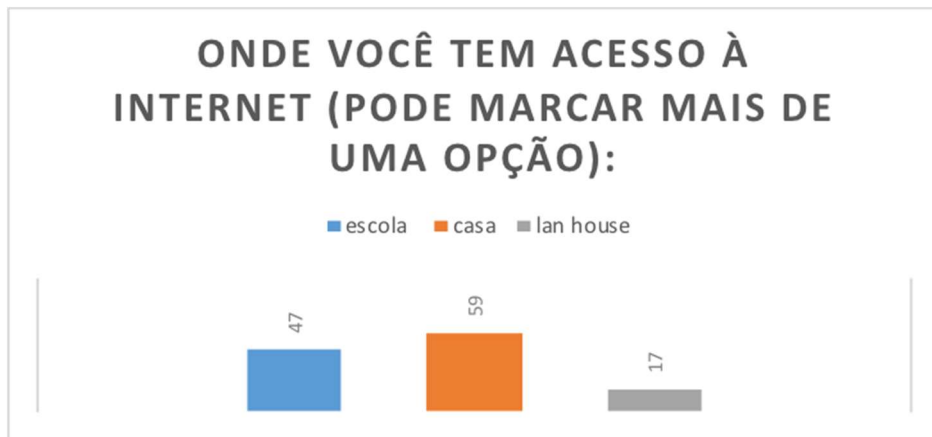
Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

A falta de tempo alegada pela maioria na pergunta anterior, pode ser facilmente comprovada e confirmada nos dados coletados nesse questionamento, pois 35% dos discentes alegam ficar mais de 4 horas assistindo à TV e 77% ficam mais de 4 horas navegando pela internet.

Então, constatamos que sobra pouco tempo para outras atividades uma vez que 51% informam ficar até uma hora estudando ou fazendo os deveres de casa, ou seja, as atividades escolares não são prioridade para eles e os pais ou responsáveis, pelo visto, não têm controle efetivo sobre o tempo gasto pelos alunos navegando na internet.

Fica comprovado com essa resposta um dos motivos da desconcentração e do sono excessivo de alguns deles, mesmo estudando no período da tarde, às vezes, nos deparamos com alunos dormindo ao propor uma atividade mais tranquila. Muitos já confessaram, em outras ocasiões, informalmente, ficar até altas horas da madrugada jogando *on-line*.

Gráfico 5 – Acesso à internet



Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

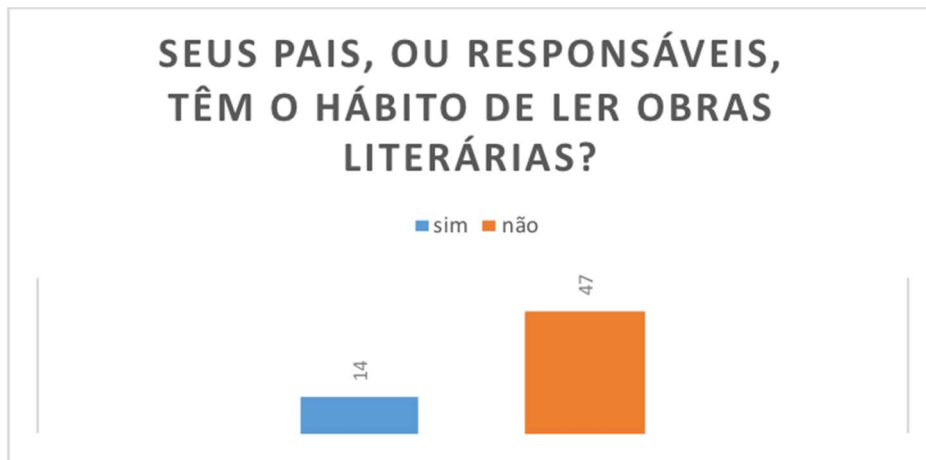
Viver num mundo digital não é privilégio de camadas sociais com melhor poder aquisitivo, a facilidade e os preços acessíveis permitem, como constatado, que 97% dos alunos têm acesso à internet em casa.

Por ter acesso em casa, o uso da internet em *lan house* diminuiu, somente 28% informaram ainda usar este estabelecimento. Portanto, tal pergunta confirma que todos os alunos têm acesso à internet.

Nem todos os professores buscam usar a internet e as tecnologias presentes na vida dos alunos, como um dos recursos didáticos para promover o ensino. Pautar as aulas somente no quadro, giz e livro didático é reproduzir um modelo de ensino anterior aos avanços da modernidade e que os jovens não aceitam e ficam desmotivados a participar das aulas, por isso constatamos na pesquisa que 77% confirmaram ter acesso à internet na escola, ou seja, os professores estão usando mais as mídias em suas aulas.

Vale ressaltar que o simples fato de levar os alunos para o laboratório de informática sem o propósito de colocá-los como autores ativos do processo de aprendizagem faz com que utilizem tão somente um recurso da modernidade e reproduzam uma aula muito parecida com a do tempo anterior ao surgimento das tecnologias.

Gráfico 6 – Hábito de leitura dos pais



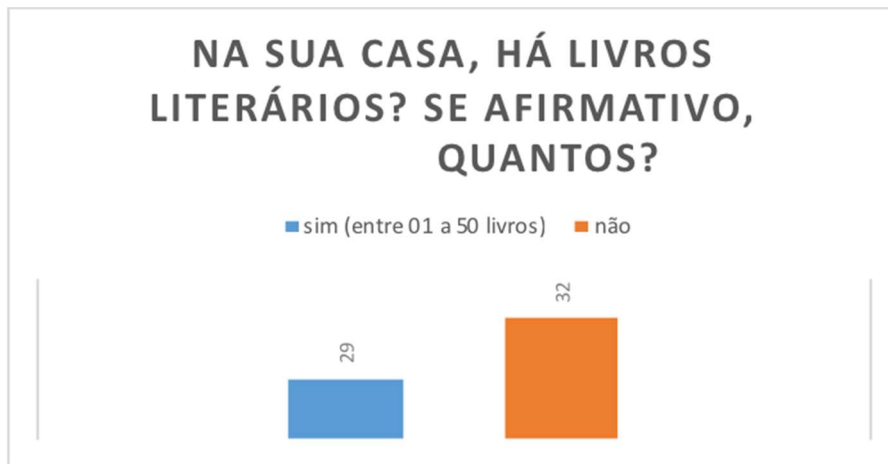
Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Tradicionalmente, espelhamos nossas ações naqueles com quem convivemos, por isso um fator que se esperava na pesquisa se confirmou, 78% dos pais ou responsáveis não têm o hábito de leitura, ou seja, os alunos não veem seus pais lendo. Essa realidade, infelizmente, faz parte do dia a dia dos professores tanto das escolas públicas quanto particulares, pois mesmo aqueles que têm vários exemplares e tenham o hábito de leitura confirmam que seus filhos não têm o hábito da leitura.

É comum, em reuniões escolares, falarem que mandam seus filhos ler, ou se mostram surpresos, o que não deveriam ficar, ao informarmos que os alunos não estão participando das atividades de leitura em casa. Portanto, a formação de leitores passa a ser uma tarefa exclusivamente dos professores.

A escola, então, tem de buscar meios de mudar essa realidade traçando estratégias de formar leitores para que, a longo prazo, aumentem os leitores e seus filhos possam iniciar a formação leitora não somente na escola, mas também em casa.

Gráfico 7 – Há livros literários em casa



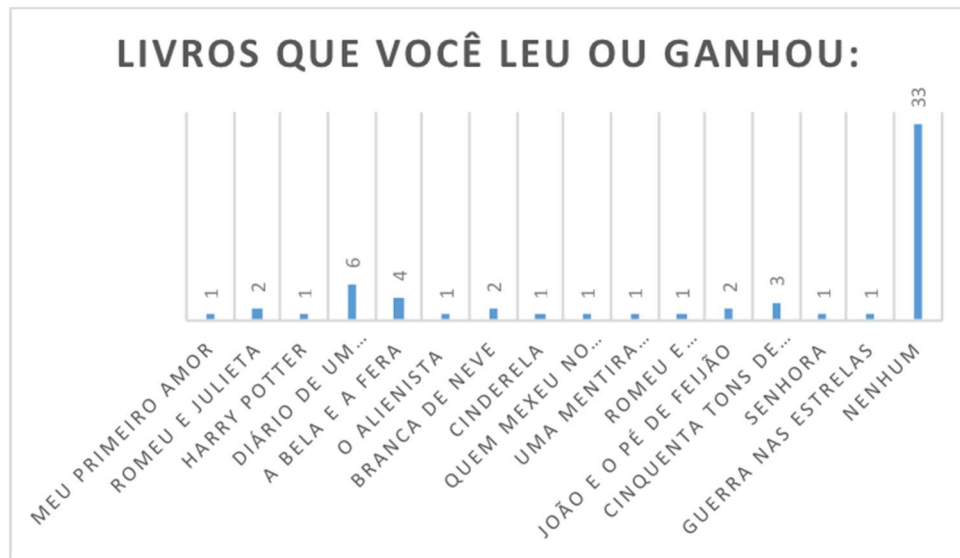
Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

A intenção em fazer esse questionamento foi para sabermos se os participantes da pesquisa tinham contato físico com livros em casa, tabulamos as respostas e 53% deles não têm nenhum livro em casa, mostrando que o acesso aos livros, quando há, é somente na escola.

Pela a experiência e pelos diálogos informais feitos com os alunos, percebemos a preferência por um celular moderno a um livro de leitura. Não se presenteia alguém com um livro, pois relataram nem pensar em ter como opção de presente um livro.

A cultura de ter um livro nas mãos para se ter um acesso mais fácil à leitura não faz parte do universo dos alunos participantes da pesquisa, mas como eles têm acesso aos meios eletrônicos, devemos buscar estratégias para que, independente do formato em que a obra literária se encontre (livros impressos, livros em PDF, livros em plataformas etc.), eles leiam.

Gráfico 8 – Livros lidos ou ganhados



Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

A maioria dos alunos que responderam ter lido ou ganhado um livro reportaram a obras que provavelmente estão ligadas a um repertório das séries iniciais e eram esperados nas citações como **Branca de Neve**, **João e o pé de feijão**, **Cinderela** e **A Bela e a Fera**.

Comumente são livros utilizados pelas professoras dos anos iniciais e são obras de fácil acesso nas bibliotecas em vários formatos, com várias edições, ilustrações e também adaptações cinematográficas.

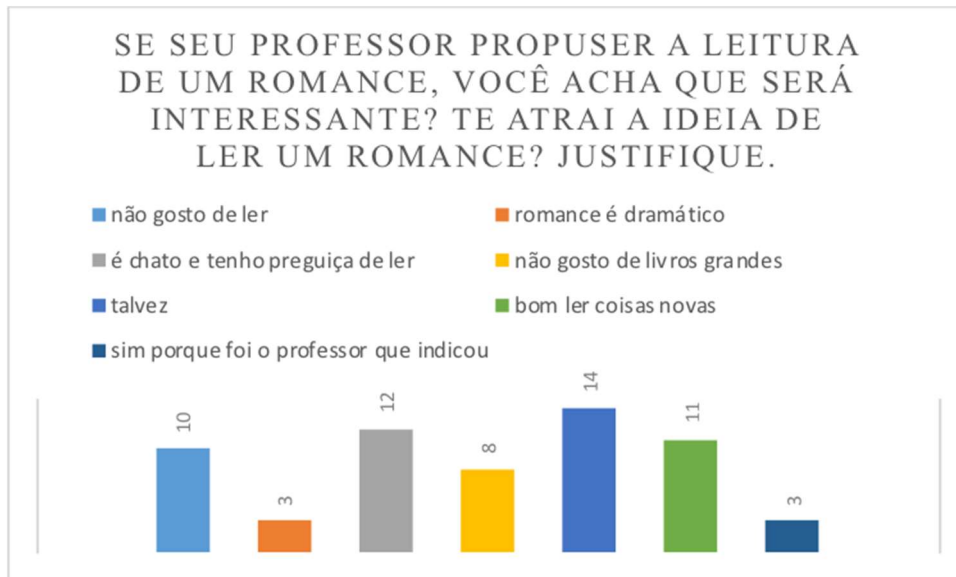
Dos livros citados, muito lidos por crianças nessa faixa etária, os principais foram **Diário de um Banana**, **Guerra nas estrelas** e **Harry Potter** por terem como protagonistas das histórias crianças em aventuras típicas da idade dos pesquisados. Assim como **Meu primeiro amor** que, geralmente, as meninas dessa faixa etária costumam se interessar muito em ler por relatar sentimentos que começam a aflorar nessa idade.

Já obras como **Quem mexeu no meu queijo**, **O Alienista** e **Senhora** são obras, pela idade deles, que fogem um pouco do repertório de escolha dos alunos, principalmente livros como **O Alienista** e **Senhora** cujo vocabulário é bastante rico de palavras não muito usuais por essa faixa etária e pode dificultar a leitura até o final. Vale ressaltar que nada impede a leitura de clássicos como esses, mas precisam de uma mediação com atividades de pré-leitura para poderem absorver melhor o vocabulário e assim a leitura fluir.

A obra **Cinquenta tons de cinza** tem um enredo mais erótico e é um dos fenômenos de vendas mundial sendo adaptado para o cinema, assim como outras obras citadas. Segundo a Universal Pictures, a bilheteria do romance Cinquenta tons de cinza ultrapassou 1,5 bilhões de dólares em exibições mundiais, no Brasil foram cerca de 69 milhões de reais, esses números

justificam a obra ser de grande aceitação e aparecer nas estantes das casas de alguns alunos pesquisados e não necessariamente lido por eles.

Gráfico 9 – Proposta para ler um romance



Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Condensamos nessa pergunta as respostas mais próximas para uma visão geral dos participantes da pesquisa quanto à receptividade em ler um romance, não explicamos o que estruturalmente era um romance. Com isso, pudemos chegar às seguintes constatações: 17% alegam não gostar de ler, cremos ser uma maneira mais rápida de responder, sem ter que dar muitas explicações.

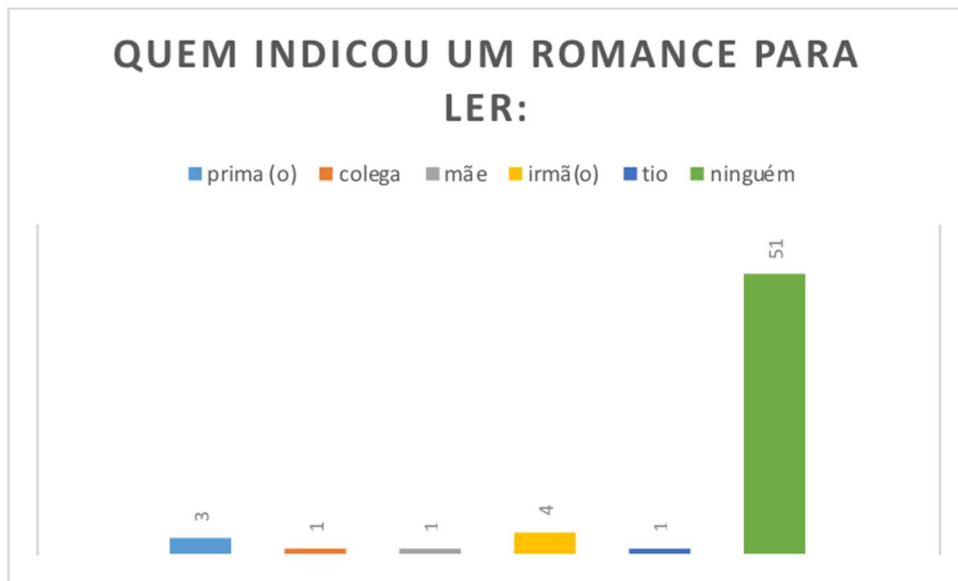
Por não conhecer o que vem a ser um romance 5% classificaram como sendo uma leitura dramática, pois provavelmente os pesquisados se interessem mais por aventuras, terror e ação. O mesmo se justifica para que 20% deles alegassem ser chato ler um romance. 18% dos que responderam ser uma leitura boa e que gostam de ler coisas novas possivelmente seja um público que imaginou se tratar de uma história amorosa.

Mesmo deixando os alunos livres para responder, cremos que alguns se espelham no professor, por isso 5% alegam que leriam porque o professor indicou. A leitura de um romance é mais extensa, é necessário um tempo maior para ler e o aluno precisa fazer um pacto de leitura para entrar no universo da imaginação proposto pelo romance, sendo assim 13% dos alunos responderam que não gostariam de ler por ser um livro grande, ou seja, o número de páginas seria o maior empecilho para a leitura.

É natural existir uma certa resistência com algo desconhecido, o que justificaria 22% dos educandos responderem que talvez se interessariam pela leitura de um romance. O lado

positivo dessa indecisão é que eles não alegaram nem gostar nem desgostar da possibilidade de ler um romance. Isso demonstra que temos de conquistar esse público, pois se a proposta de intervenção atingi-los satisfatoriamente ganharemos um número maior de futuros leitores assíduos.

Gráfico 10 – Quem indicou um romance



Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Ao serem questionados sobre a indicação para a leitura de um romance, 84% deles não tiveram nenhuma indicação, talvez essa constatação se justifique pela errônea classificação de romance, muitos associam a leitura de um romance necessariamente a uma história de envolvimento amoroso, com o príncipe encantado resgatando a donzela e um final feliz para sempre.

Achamos intrigante ninguém citar um professor como pessoa que indicou um romance para ler, isso deixou uma certa curiosidade e alguns questionamentos: Os professores das séries iniciais leem romances? Por que não indicam ou incentivam seus alunos a lerem nas férias ou nos finais de semana? Qual o valor da leitura literária hoje? Como há resistência dos alunos, os professores desistiram de incentivar à leitura de obras literárias?

Vimos através dos dados tabulados nessa entrevista que o público participante da pesquisa tem pouco hábito de leitura literária, dedicando a maior parcela do seu tempo a assistir televisão ou navegar na internet.

Mesmo assim, alguns se mostraram receptivos à leitura de um romance, se proposto pelo professor. Isso mostra a responsabilidade do mediador e a importância em despertar nos

jovens o hábito de leitura para desenvolverem seu senso investigativo e sua criticidade preenchendo os “espaços vazios” em cada leitura concluída.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 POR QUE ESCOLHEMOS A OBRA **O MENINO DO DEDO VERDE**?

O Menino do dedo verde de Maurice Druon é um livro repleto de simbologias, apesar de ser voltado ao público infantil desperta nos adultos a criança que há dentro deles, pois a história tem uma doçura, um humor e uma poesia permanentes. Traz uma leveza que nos envolve na leitura e nos faz mergulhar nas ideias de Tistu ao tratar daquilo que falta hoje em dia como a paz, a solidariedade, a determinação, o comprometimento, a fé nas pessoas e o fundamental, respeito aos seres humanos. Uma narrativa singela que não perde nada por isso.

Ao narrar o processo de aprendizagem de um menino que busca entender o mundo em que vive e que vai deixando suas impressões digitais por onde passa durante cada aprendizado, percebemos que há uma forte presença de críticas sociais, como por exemplo a educação, permitindo em cada capítulo, expor um aprendizado, uma nova reflexão, na qual o leitor tem a possibilidade de apreender com os ensinamentos trazidos pelo autor na construção do jogo de palavras.

No transcorrer da narrativa, notamos como o autor trouxe uma carga ideológica em uma leitura relativamente simples, além de deduzirmos que Tistu pode ser um reflexo das pessoas em si, bem como, a pessoa por muitas vezes é o reflexo de outras pessoas e isso talvez seja um dos motivos pelo qual nos deixamos ser influenciados fortemente pela personagem durante a leitura e a torna especial e atual mesmo tendo sido escrita em 1957.

A expressividade da obra fica oculta no mundo fantástico e metafórico da narrativa infantojuvenil, onde observamos a presença contestadora de Tistu, que se levarmos em consideração o momento no qual o livro foi escrito (1957), um período em que a sociedade defendia a liberdade de consciência e ansiavam pelo fim da guerra. No momento em que a cada dia surgiam movimentos revolucionários, Druon cria um mundo em que se vive entre as flores, onde tudo e todos conviviam em harmonia.

É uma obra encantadora, e como disse o próprio autor em seu prefácio, não se endereça precisamente às crianças, mas aos futuros adultos ou velhas crianças. É cativante porque fala de uma maneira muito bonita sobre temas atuais, como a guerra, a questão ecológica de respeito à natureza e sobre imigração, propomos o trabalho com a leitura desse livro, por ter exemplares na biblioteca da escola, o que facilitou o acesso dos alunos pesquisados à obra.

Estamos em uma época em que a era da poluição, da agressividade e do desentendimento parecem ser o principal cenário da civilização do século XXI. Pensando nisso,

escolhemos a obra de Maurice Druon, pois uma de suas missões é justamente despoluir e humanizar.

Além de transcender a fronteira das idades disfarçando a profundidade de suas mensagens na singeleza de um livro para crianças, **O menino do dedo verde** dirige-se também aos adultos, que compreenderão as mil coisas ditas entre as linhas ou sugeridas por vários símbolos pois

as pessoas grandes têm a mania de querer, a qualquer preço, explicar o inexplicável. Ficam irritadas com tudo que as surpreende. E, logo que acontece no mundo algo de novo, obstinam-se em querer provar que essa coisa nova se parece com outra que já conheciam há muito tempo. (DRUON, 1977, p.59)

O livro **O menino do dedo verde** é considerado uma obra da literatura infantojuvenil, pois o autor utiliza da técnica com as palavras com o uso de metáforas, prosopopeias, metonímias, ou seja, a arte com as palavras para ser apreciada pelos leitores, não só o público infantil como o adulto também.

Outra característica que nos permite classificá-la como literatura é a forma com que Druon descreve as cenas, desperta nos leitores a vontade de ler mais e até fazer as crianças se identificarem com a personagem ao dizer, por exemplo, que

- Tistu não se distraia! Que é a ordem? – perguntou o Sr. Trovões em tom severo.
 - A ordem? É quando a gente está contente – respondeu Tistu.
 “Hum, hum!” resmungou o Sr. Trovões, e suas orelhas ficaram mais vermelhas que de costume.
 - Eu já reparei – prosseguiu Tistu sem se intimidar – que o meu pônei Ginástico, por exemplo, quando está bem alimentado, bem penteado e tem a crina trançada com papel de chocolate, se mostra muito mais contente que quando está coberto de lama. [...] A ordem não é isso?
 Parece que esta resposta não satisfiz ao Sr. Trovões, cujas orelhas tornaram-se ainda mais vermelhas.
 - E que se faz com as pessoas que espalham a desordem? – perguntou ele.
 - É claro que devem ser castigadas – respondeu Tistu, que supôs que “espalhar a desordem” fosse alguma coisa como espalhar os chinelos pelo quarto ou os brinquedos pelo jardim. (DRUON, 1977, P. 45)

A leitura de Druon nos permitiu identificar uma série de vozes e pontos de vista ideológicos sobre a sociedade. **O Menino do Dedo Verde** está preso às situações frequentes, num aspecto sociológico, que envolvem nosso mundo, Tistu é alguém com a missão de humanizar e introduzir o lirismo no cotidiano, já que esquecemos de vê-lo e cultivá-lo e, assim, como o menino do dedo verde fazer uma leitura de mundo e ampliar nossa consciência e percepção sobre ele.

3.2 MATERIAL E MÉTODOS PARA CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Entendemos que o professor, como mediador do conhecimento, precisa estimular a capacidade do aluno de interagir com o conhecimento e contribuir para a formação do sujeito leitor autônomo. Afinal, o gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. (PETIT, 2009)

Abordar esse tema mostra-se relevante, pois norteou nossa prática pedagógica no que diz respeito à leitura, interpretação e produção de textos e sentidos, fomentando o desenvolvimento imaginário, literário e reflexivo dos alunos. “Quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo.” (PETIT, 2009, p.148)

A escola é um espaço, não só de contato com a literatura infantojuvenil, mas que isso aconteça de forma privilegiada, como aponta Zilberman (2003, p.16) que “ a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como, um campo importante para o intercâmbio de cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade”.

Por isso, cabe a escola propiciar esse ambiente, para que os livros literários sejam vistos de forma diferente, ou seja, como algo enriquecedor e, sobretudo agradável, proporcionando experiências satisfatórias de leitura, assim como atesta Benjamin (1994).

Sabemos que a linguagem visual associada à verbal promove o encontro da criança ao imaginário e não se pode esquecer que o repertório de sentidos, significados para a criança está em construção e, “literária ou não, a palavra remete a representações mentais que exigem vivências ou experiências anteriores” (COELHO, 1993, p.180) além de colaborar com o desenvolvimento da linguagem e pensamento.

Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se experimente esse amor. Poderia se esperar que esse gosto acontecesse naturalmente nos círculos onde o livro é um objetivo familiar. (PETIT, 2009, p. 161/162).

A leitura começa com processos de percepção e atenção que podem resultar da experiência passada do usuário (saber onde olhar) ou da especificação do propósito da leitura (saber o que procurar). Esses processos serão cognitivos, conceitualmente movidos de cima para baixo. A percepção e a atenção do usuário também serão influenciadas por processos de baixo para cima ou movidos por dados, gerados pelo texto e pelo ambiente da tarefa. (HUNT, 2010, p.79)

Por esse motivo, Meireles (1979) defende que a literatura infantojuvenil precisa ir além de seu caráter utilitário e permitir às crianças o apreço da arte. Ela atesta que “Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas (crianças) se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar que elas leem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil “a priori”, mas “a posteriori”.” (MEIRELES, 1979, p. 19)

Meireles (1979) chama a nossa atenção para o fato de que a falência da Literatura Infantil se deve, quase que exclusivamente, à falta de percepção, sobretudo dos pais e educadores, que julgam e classificam o livro infantil, que é de sua “invenção e intenção”, como adequados às crianças a partir do seu próprio ponto de vista, ou seja, para o caráter utilitário (e, portanto, prejudicial e desastroso) da Literatura Infantil, a quem se atribui a transmissão de valores, hábitos e comportamentos socialmente úteis.

Salienta ainda que esse caráter preparatório esvazia a Literatura Infantil de seus aspectos estéticos, afetivos e cognitivos, qualidades que são valorizadas pelas crianças e que, se não são encontradas nos livros, faz com que elas procurem atividades que lhes proporcionem mais prazer e significado.

Os significados literários são frequentemente emotivos ou impressionistas, tanto conotativos como denotativos; e assim os significados literários são também quem os leitores são, onde eles estão, quando e por que leem são o quanto os leitores conhecem, o quanto já leram e o quanto desejam ler; e são a capacidade de entendimento que os leitores possuem – todos fatores que contribuem para a formação do sentido. (HUNT, 2010, p.106)

Percebendo a urgente necessidade de romper com esse paradigma, optamos em propor oficinas (Freinet, 1975) que tenham por objetivo principal o incentivo à leitura de livros literários, especialmente, o romance **O menino do dedo verde** de Maurice Druon.

Assim, a obra leva o leitor ao deserto, fica diante de si mesmo; as palavras podem jogá-lo para fora de si mesmo, desalojá-lo de suas certezas, de seus pertencimentos (PETIT, 2009, p. 147). E, se o professor, enquanto mediador, souber transmitir sua paixão, sua curiosidade, seu desejo de ler, de descobrir, que sabe, inclusive fazer com que seus alunos gostem de textos mais subjetivos, capazes de desalojá-los de suas certezas levando-os ao deserto, através da leitura, esse profissional atinge seus objetivos.

Hoje, como em outras épocas, ainda que a “escola” tenha todos os defeitos, sempre existe algum professor singular, capaz de iniciar os alunos em uma relação com os livros que não seja a do dever cultural, a da obrigação austera. (PETIT, 2009, p.158)

Portanto, colocando aluno e professor como interlocutores ativos desse processo, esperamos proporcionar aos alunos, a partir do trabalho com a leitura, a escrita, a análise

linguística e as intervenções feitas, uma aprendizagem significativa da leitura literária e da escrita.

Para Freinet (1975), a sala de aula não é um espaço físico determinado pelas instituições, mas qualquer espaço onde o exercício do pensamento e da criatividade esteja presente e a serviço da sociedade. O aluno constrói o seu conhecimento não apenas tendo acesso à informação, mas se apropriando do saber, inserindo o prazer no processo de aprendizagem. A sala de aula deve ser o local onde os alunos se revelam, criam, inventam e exprimem suas vivências.

Todo trabalho educativo só tem qualidade quando os objetivos são claros, o professor não deve atuar como uma máquina, sujeitando-se a rotinas. É fundamental a motivação para o trabalho e ser o facilitador que encaminha o aluno no processo de ensino-aprendizagem, com isso o aluno vai descobrindo, com erros e acertos, uma aprendizagem significativa.

Pensando que a sala de aula não pode ser um casulo hermético desvinculado do todo social e das suas contradições, utilizaremos, como atividades as oficinas propostas por Freinet (1975), pois aponta que a sala de aula deve ser uma oficina de trabalho, de criação e de pesquisas, um local de produção e criação do saber.

Após a aplicação do questionário com a pesquisa semiestruturada para conhecermos o perfil do público leitor, elaboramos oficinas que atendessem a esse público. Foi aplicado, ao final do trabalho, outro questionário a fim de tabularmos os dados, analisarmos as produções e confirmarmos e/ou refutarmos constatações e conduzimos as seguintes oficinas:

- 1.^a oficina (2 aulas de 50 min):

Explicamos o que é um romance, seus elementos estruturais: narrador, personagem, enredo, tempo e espaço. Em seguida, fizemos uma preparação para a leitura do livro, explorando algumas palavras que possam ser de difícil assimilação aos alunos. Preparar uma atividade de pré-leitura facilita o entendimento mais completo da obra durante a leitura. Sendo assim foi proposto uma atividade de palavras cruzadas que exploramos os nomes de todas as flores presentes no livro para que ao ler, os alunos identificassem e reconhecessem tais nomes.

Outra atividade desenvolvida, foi a impressão de imagens das flores no formato de cartas e nomes das flores também em formato de cartas e propomos um jogo de identificação de colocar os pares de cartas de acordo com a imagem e seu nome.

Dividimos a sala em dois grupos, cada um recebeu uma cartolina branca e fita crepe, por sorteio cada grupo tinha acesso às cartas com os nomes e as cartas com as imagens, um

membro do grupo escolhia a imagem e o nome, caso acertasse poderia fixar na cartolina, caso contrário deveria devolver as cartas.

Combinamos com os grupos que prestassem atenção nas suas escolhas e nas escolhas dos adversários para atingirem o maior número de acertos e vencessem a disputa. Venceu aquele grupo que completou corretamente o maior número de pares e receberam um pirulito como prêmio. Expusemos as cartolinas na sala para que fixassem os nomes e colaram no caderno a atividade de palavras cruzadas. (Apêndice B)

Objetivo:

Preparar os alunos, com o conhecimento dos elementos estruturais do romance, para a leitura do romance.

- 2.^a oficina (2 aulas de 50 min):

Entregamos os exemplares disponíveis na biblioteca do livro **O menino do dedo verde**, de Maurice Duron, 17.^a edição, em seguida, depois de combinarmos algumas regras para sair da escola, como respeitar o professor, andar sempre nas calçadas, não atravessar as ruas sem a permissão do professor e não correr durante a caminhada até a praça fizemos a leitura dos capítulos 1 a 5 numa praça do bairro, local arborizado e bem propício para a leitura, uma vez que pudemos chamar a atenção deles para o contexto da obra e aguçamos sua percepção tanto do entorno da praça como também do bairro, depois da leitura, mediamos um debate para averiguar a compreensão e a concretização da leitura do mesmo e uma análise de seus elementos intratextuais. Com as seguintes perguntas:

Tistu veio de uma família humilde ou rica?

Como vocês chegaram a essa conclusão?

Qual o seu nome? Por que chamaram de Tistu?

Como eram as primeiras lições que Dona Mamãe ensinava Tistu?

Por que Tistu não conseguia concentrar na escola?

Qual o método que os pais de Tistu resolveram aplicar para ensiná-lo?

Fizemos a previsão de 2 aulas, mas o ambiente e a discussão foram tão significativos que extrapolamos em 30 min, o tempo previsto. Como eram aulas geminadas e o próximo horário era de Educação Física e já havia combinado com a professora que se precisasse de

estender um pouco ela cederia parte de seu horário, não houve problemas quanto a isso, portanto seria melhor para essa atividade programar um tempo maior, de 3 horários.

Foto 1 – Leitura na praça



Fonte: Do autor (2018)

Foto 2 – Leitura na praça



Fonte: Do autor (2018)

Ao retornar para a sala de aula, foi entregue a cada aluno um caderno para levar para casa e enfeitassem a capa como quisessem, a finalidade do mesmo foi transformar o caderno em um diário literário para colocarem suas impressões e o resumo de cada capítulo lido, com isso fixariam melhor a leitura de cada capítulo e poderiam recorrer ao diário literário quando quisessem recordar de alguma parte da história.

Durante a aplicação da atividade 4 alunos não cumpriram os combinados, ao chegar na sala de aula chamei, um de cada vez em particular e explicamos que as atividades que estavam sendo desenvolvidas eram de livre escolha deles participarem ou não, assim como os pais poderiam retirá-los da pesquisa quando quisessem eles também poderiam pedir para sair, mas se escolhessem continuar, as regras deveriam ser respeitadas, senão chamaria os pais e os convidaria a não participarem mais da pesquisa, pois seria arriscado propor atividades externas sem total obediência aos combinados feitos.

Depois da conversa, os alunos pediram desculpas e se comprometeram a obedecer, reconhecendo que estavam errados e os outros 2 alunos pediram para sair da pesquisa⁶.

Objetivos:

⁶ Os pais foram devidamente avisados que seus filhos quiseram por livre iniciativa, como exposto nos termos assinados, sair da pesquisa e que fariam atividades deixadas pelo professor na biblioteca, durante a aula semanal destinada à oficina do projeto. Após decorrer 4 aulas com oficinas, os alunos desistentes perguntaram se poderiam participar novamente, autorizamos e comunicamos aos pais o retorno deles, porém não responderam à pesquisa final e não computamos seus resultados.

Explorar os elementos intratextuais para exploração do assunto abordado no romance, em local diferenciado, fugindo do comum que é a leitura na biblioteca (cujo espaço é bastante restrito) ou sala de aula (local mais comum de ser usado para leitura pelos professores).

Desenvolver nos alunos a competência de sintetizar o que foi lido e explorar sua criticidade.

- 3.^a oficina (2 aulas de 50 min):

Fizemos a leitura dos capítulos 6 a 10 com o auxílio das professoras de Ciências e partilhamos as informações sobre meio ambiente, reaproveitamento, consumo consciente e preservação da natureza, os alunos foram levados para o pátio da escola, próximo aos jardins, local com bastante sombra, escolhemos os 2 primeiros horários em cada sala, pois nesses horários o pátio é pouco movimentado o que favoreceu uma melhor concentração.

Pedimos para os alunos copiarem em uma folha A4 as principais informações que julgarem importantes a partir das explicações expostas pelas professoras de Ciências. Em seguida, fomos para o refeitório da escola para uma aula prática proposta pelas professoras que abriram uma semente de feijão e identificaram suas partes e funções.

Depois, colocaram algumas sementes de feijão para serem germinadas em um prato plástico forrado com algodão. Observaram diariamente as mudanças ocorridas e registraram no caderno de Ciências. Fizemos um debate com os alunos para que pudessem falar sobre como Tistu reagiriam em cada mudança ocorrida com a semente de feijão.

Propusemos um desafio: entregamos sementes de flores para cada aluno e pedimos que plantassem em um vasinho ou latinha, pedimos que regassem as sementes plantadas diariamente e registrassem as etapas de germinação até a floração.

Alguns alunos trouxeram as flores para que fossem plantadas nos jardins da escola. Foi combinado que o plantio e o cuidado seriam de responsabilidade deles.

Foto 3 – Plantio de mudas



Fonte: Do autor (2018)

Nessa atividade os alunos se sentiram responsáveis pelas plantas, revezaram durante os recreios para não deixarem os alunos mais novos pisarem ou arrancarem as plantinhas. Nesse momento, percebemos que os alunos estavam mais próximos ao cuidar das plantas, os sentimentos de Tistu tocaram os alunos.

Questionamos como Tistu se sentiria vendo os alunos plantando flores pela escola, qual seria sua reação? Quase que uníssonos disseram que Tistu estava feliz por eles enfeitarem a escola. Que a escola florida era mais bonita, faziam as pessoas, ao entrarem na escola, se sentirem melhor.

Para essa oficina, caso conheça algum botânico que se disponha a fazer uma aula prática, ou uma roda de conversa com os alunos sobre sua profissão e sobre a importância do meio ambiente, enriqueceria a oficina.

Objetivo:

Desenvolver, através da interdisciplinaridade, os conhecimentos de ecologia necessários sobre o tema central da obra.

- 4.^a oficina (4 aulas de 50 min):

Lemos os capítulos 11 ao 15, após a leitura, propusemos uma atividade de pintura. Mostramos moldes xerocados de cenas do livro para a escolha daquela que mais chamava sua atenção. Após escolhida, colocamos o molde sobre uma folha de papel carbono vermelho e centralizamos na tela de tecido 30cmx40cm e riscamos o molde (Apêndice C).

Depois dividimos a sala em grupos de 5 alunos que compartilharam as tintas guache para a pintura de sua tela. Cada aluno pode usar sua criatividade e imaginação, como por exemplo o pônei Ginástico, apareceu em telas branco em outra tela preto.

Não houve interferência nossa, até mesmo porque não era nosso objetivo induzi-los a pintar de uma forma ou outra. Ficou claro nessa atividade que a pintura externa os sentimentos presos no íntimo de cada pessoa, pois um aluno escolheu a prisão e pintou toda de preto, cinza e branco, foi uma pintura bonita, porém muito fechada. Retratou uma vivência de sua casa, pois seu irmão estava preso.

Foto 4 – Pintura em tela



Fonte: Do autor (2018)

Foto 5 – Pintura em tela



Fonte: Do autor (2018)

Objetivo:

Desenvolver inferências através de atividades que introduzam as ideias de retextualização.

- 5.^a oficina (3 aulas de 50min):

Para finalizarmos a leitura dos últimos capítulos 16 a 20, propusemos um piquenique literário na praça da igreja, local amplo e bastante arejado, depois da leitura fizemos o piquenique, combinamos que seria levado torradas, queijo, suco de uva e patê de frango, duas mãos de alunos se ofereceram para fazer o suco e o patê, encomendamos dois queijos frescos e o suco as cantineiras da escola se dispuseram a fazer, colocamos em duas garrafas térmicas para manter a temperatura.

Foto 6 – Piquenique literário



Fonte: Do autor (2018)

Foto 7 – Piquenique literário



Fonte: Do autor (2018)

Foi um momento de muita diversão, pois não houve nada que fugisse do que foi programado, fizemos combinados para a saída da escola, a questão do respeito na hora de confraternizar no piquenique, não sujar o ambiente, recolher os lixos após o piquenique. Tudo saiu como previsto.

Ao retornar para a sala de aula conduzimos um pequeno debate:

O que vocês entenderam como sendo a principal mensagem do livro?

Para vocês quem seria o Tistu?

Vocês conhecem alguém com as mesmas ideias dele? Quem? Compartilhem com a turma o que essa pessoa faz de especial para preservar o ambiente?

Na escola, como poderíamos manter as ideias de Tistu?

Quem precisa tomar a iniciativa aqui na escola?

Além de plantar e cuidar que maneira podemos contribuir para mantermos um bom relacionamento com os colegas?

Se alguém lhe desse uma flor de presente, ou se o ambiente em que convive fosse florido, como vocês acham que seria esse local? Por que não fazer então?

Proponham estratégias e metas para cumprirmos a fim de pôr em prática as ideias de Tistu.

Ficou como atividade para casa o resumo das principais ideias apreendidas durante a leitura do livro, no diário literário e que fizessem também um comentário geral do livro. Suas impressões da leitura.

Objetivo:

Desenvolver com os alunos a produção de resumos e fichamentos para sintetizar os assuntos abordados.

- 6.^a oficina (2 aulas de 50 min):

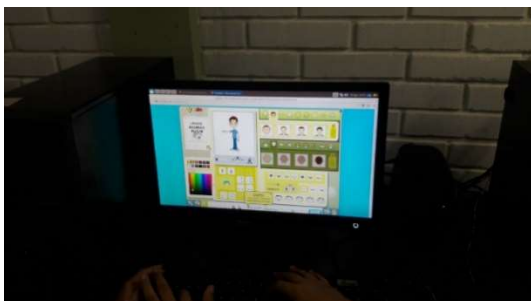
Propusemos aos alunos conhecer o site *toondoo.com* e aprender técnicas de criação de HQs, no laboratório de informática, para que os mesmos pudessem aplicar as habilidades e competências adquiridas no processo de leitura e criassem a história do menino do dedo verde em quadrinhos, conforme roteiro proposto (Apêndice D).

Pedimos que formassem grupos de 5 alunos, cada grupo produzisse um capítulo da história para levar ao laboratório de informática e produzissem no site, nossa intenção foi familiarizar os alunos ao site para que também mantenham a coerência entre os quadrinhos e a história não perca o sentido, para isso, pedimos para consultarem o resumo para que lembrassem dos assuntos de cada capítulo e pudessem criar cada cena e personagem necessários para retextualizar o romance nas próximas oficinas.

Vale ressaltar que as ferramentas para criação das personagens, a escolha de suas vestes e os movimentos tanto corporais quanto gestuais, os ambientes disponíveis como cenário, o número de quadrinhos e os formatos dos balões são fáceis de identificar na barra de ferramentas na parte inferior da página do site. E para acessá-lo gratuitamente é pedido um e-mail, um *login* e uma senha de acesso. Depois é só entrar e começar a usar.

Escolhemos o site *toondoo.com* mas existem outros sites disponíveis gratuitamente para produção de HQ.

Foto 8 – Conhecendo o site



Fonte: Do autor (2018)

Foto 9 – Conhecendo o site



Fonte: Do autor (2018)

Objetivo:

Desenvolver as habilidades necessárias para a retextualização de gêneros textuais do romance para a HQ.

- 7.^a oficina (3 aulas de 50 min):

Durante as aulas, foram explorados os aspectos intratextuais, como vocabulário usado, questões de relacionamento da família com os empregados e relacionamento entre eles, a postura da família; intertextuais como as questões ambientais e de convivência; e extratextuais como a relação escola e alunos com dificuldade de aprender por métodos tradicionais, a relação do poder pela força, metáfora dos canhões, depois passamos para o desafio proposto em produzir, através da retextualização, em quadrinhos a história de Tistu. Verificamos se os alunos estavam retextualizando a história

Objetivos:

Desenvolver habilidades de escrita, no contexto da retextualização.

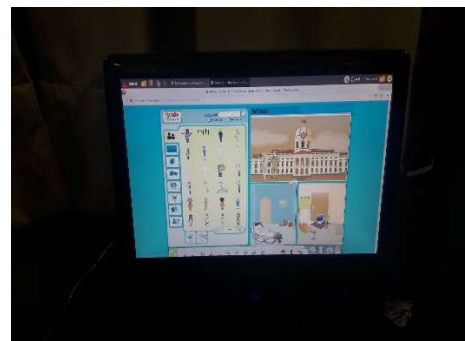
Criar textos de conscientização e participação dos alunos como produtores de textos críticos.

Foto 10 – Retextualização



Fonte: Do autor (2018)

Foto 11 – Retextualização



Fonte: Do autor (2018)

8.^a oficina (8 aulas de 50 min):

Produção das histórias em quadrinhos, no ambiente virtual, tendo o romance estudado como base para as novas aventuras de Tistu. Foram 4 semanas utilizando 2 horários geminados por semana para que, no laboratório de informática, criassem a história de Tistu retextualizada.

Houve alguns imprevistos como falta de internet, computadores estragados, falta de *mouse* ou teclados, que por falta de verbas não havia reposição das peças. Alguns alunos que tinham acesso à internet em casa adiantaram suas HQs nos finais de semana. Isso facilitou para que aqueles que não tinham pudessem utilizar os computadores que funcionavam na escola. Os

que avançaram nas produções da HQ auxiliaram aqueles com mais dificuldade para caminharem juntos e finalizarem ao mesmo tempo.

Objetivo:

Desenvolver a criatividade e a criticidade dos alunos na criação retextualizada em HQ.

Ao final das atividades, promovemos uma exposição da HQ além dos diários literários e das telas pintadas para apreciação da comunidade escolar, durante a realização da Feira do Conhecimento, já prevista no calendário escolar. A partir dos trabalhos produzidos utilizamos um recorte dos mesmos para análise e tratamento dos dados na pesquisa.

Foto 12 – Exposição dos trabalhos



Fonte: Do autor (2018)

Foto 13 – Exposição dos trabalhos



Fonte: Do autor (2018)

Fizemos a exposição impressa da HQ devido ao grande público esperado na escola no dia da Feira, e como estávamos com poucos computadores em uso adequado no laboratório, achamos melhor expor e acessar os computadores para lerem a produção.

Devemos ressaltar que a HQ digital é a versão lida pelos alunos da escola, o que levou a curiosidade em conhecer o site *toondoo.com*, e também quererem retextualizar um romance para que outros alunos possam ler suas produções.

3.2 ANÁLISE DE ALGUMAS PÁGINAS DA PRODUÇÃO DA HQ DOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Após as atividades propostas durante a leitura e produção da HQ retextualizada, o produto final foi a narrativa O menino do dedo verde em quadrinhos, que analisaremos, a seguir, alguns capítulos produzidos.

Imagem 1 – Apresentação de Tistu



Fonte: Produção dos alunos participantes da pesquisa (2018)

Ao analisarmos a retextualização feita pelos alunos do primeiro capítulo do romance, percebemos que conseguiram expor nos quadrinhos a ideia principal que era explicar o nome da personagem principal e o motivo de seu apelido o que podemos observar na produção do texto, pois mostra que eles compreenderam o capítulo ao produzirem a HQ mantendo a coerência entre as imagens escolhidas para retratar as cenas quanto a linguagem usada. Houve o sincretismo do texto verbal e imagético.

Utilizaram o pano total ou de conjunto que, de acordo com Paulo Ramos, “O ser é representado de maneira mais próxima. Reduz-se a importância do ambiente que o cerca e o personagem passa a ganhar mais atenção.” (RAMOS, 2009, p.138).

Vimos também que conseguiram reproduzir na imagem o padrão social da família, segundo Dell’Isola (2007), temos urgência em promover a formação de leitores e escritores

capazes de compreender e interpretar as relações sociais e também de se compreender identidades e formas de conhecimento veiculadas através de textos em variadas circunstâncias de interação de se levar em conta a determinação sócio histórica da interação escritor – texto – contexto – leitor.

Imagem 2 – Apresentação dos pais e da casa de Tistu



Fonte: Produção dos alunos participantes da pesquisa (2018)

Nesse capítulo, podemos observar que se preocuparam em apresentar, tal como na narrativa, dois personagens importantes, os pais de Tistu, que mantiveram os nomes do romance, Sr. Papai e Sra. Mamãe, além da imponência da casa onde moravam, para deixar claro o padrão social da família.

O texto imagético interage com as palavras e permite a compreensão do que os alunos quiseram retextualizar no capítulo. Nos três primeiros quadrinhos mantiveram o plano total, já no último quadrinho mudaram para o plano geral ou panorâmico pois é amplo o bastante para

englobar todo o cenário para o leitor ter uma visão geral do tamanho da mansão da família de Tistu.

Percebemos aqui que a narrativa criada no HQ permite aos leitores uma visão geral do contexto social da obra criada.

Imagem 3 – Apresentação da cidade e da fábrica



Fonte: Produção dos alunos participantes da pesquisa (2018)

Nesse capítulo, os alunos retrataram a fábrica e a cidade onde a narrativa será desenvolvida, para justificar o nome Mirapólvora, representaram uma cidade cinza, cheia de construções muito desenvolvidas, mas cinzenta, sem flores, sem árvores, uma cidade fria, a cidade evoluída cheia de concretos, é uma cidade sem cor, não há colorido, portanto, não há alegria.

A fábrica do Sr. Papai polui a cidade, por isso dialoga com a narrativa ao escolherem o tom marrom e representarem a poluição pelas nuvens de fumaça que saem da fábrica. Além disso, podemos constatar que os pesquisados perceberam que Tistu seria o sucessor do Sr. Papai na fábrica, vimos nesse capítulo que a compreensão está muito ligada ao texto imagético.

As imagens criadas e o banco de imagens do site permitiram trabalhar com os alunos o ensino das artes para desenvolverem seu lado artístico, além trabalhar conceitos da arte sequencial como profundidade, movimento e perspectiva para despertarem a criticidade ao criar e analisar outras sequências em HQ como também outras obras analisadas nas aulas de Arte.

Imagem 4 – Lição de Tistu no jardim da sua mansão



Fonte: Produção dos alunos participantes da pesquisa (2018)

Nessa página, os alunos conseguiram retratar o ambiente do jardim, a caracterização da personagem Sr. Bigode nos quadrinhos muito próximo da narrativa, ao ler o romance

conseguimos imaginar a personagem da mesma forma. Os participantes da pesquisa utilizaram os quadrinhos rico em elementos visuais e textuais, ou seja, um texto com sincretismo.

Mostraram fidelidade à narrativa original e fizeram a retextualização desse capítulo muito bem. Por isso, podemos entender os quadrinhos com um campo de trabalho interessante para o estudo da narrativa, portanto, retextualizar o romance para HQ é sim descobrir outros caminhos de adquirir o hábito da leitura e incentivar a produção de textos.

Além disso, a produção das HQs pelos participantes da pesquisa contribuiu para apreensão da literatura de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental I no laboratório de informática, pois deixamos as HQs disponíveis e os professores puderam fazer uma aula de leitura de quadrinhos com seus alunos.

Imagem 5 – Lição de Tistu na favela



Fonte: Produção dos alunos participantes da pesquisa (2018)

Nesse capítulo, ao retextualizarem os alunos reproduziram para os quadrinhos a principal informação da narrativa que era mostrar a pobreza dos moradores da favela, a miséria e a falta de recursos. Após a interferência de Tistu o ambiente ficou mais agradável e belo. Além disso, conseguiram uma nova fonte de renda para que saíssem da miséria, mantiveram a moeda do romance, não usaram a atual moeda brasileira, preocuparam com a narrativa do romance e não com o contexto em que vivem.

Nesses quadrinhos, assim como em outros balões, faltaram alguns sinais de pontuação como vírgula e ponto final e houve desvio ortográfico quando escreveram “malcheiros”. Não nos preocupamos, nesse momento, em corrigir esses pequenos desvios, pois nosso foco foi a leitura e a produção dos HQ como forma de mediar a leitura de textos literários para formar leitores.

Imagem 6 – Lição de Tistu no hospital



Fonte: Produção dos alunos participantes da pesquisa (2018)

Os alunos, nesses quadrinhos, exploraram não somente o cenário descrito na narrativa para poderem reproduzir nos quadrinhos como também souberam descrever na ilustração do rosto da menina suas expressões faciais, as sensações de tristeza por estar doente em um hospital, como na cena seguinte explorar a expressão de felicidade da menina depois que Tistu tocou com seu dedo verde as paredes do quarto e nasceu várias flores, tornando o ambiente mais alegre e feliz, uma forma de fazer a menina sentir-se mais feliz e esquecer sua doença.

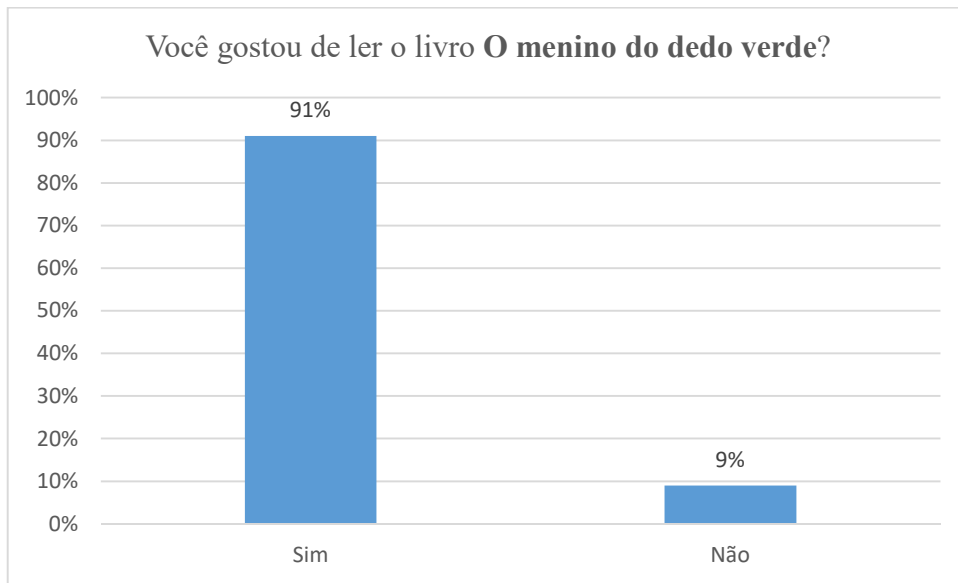
Inferimos que, assim como elenca Neitzel (2010, p.82), “o mundo mágico da informática com seus conteúdos atraentes e um ambiente multimídia, global e interdisciplinar instiga o aluno ao desejo de investigação, de descoberta do novo, além de aumentar suas possibilidades de pesquisa”.

Os alunos descreveram as cenas de forma que os leitores da HQ identificam os principais elementos da narrativa do romance e como Neitzel reitera “retoma-se a questão do reencantamento do universo escolar, quando esse novo mundo de possibilidades se abre. A informática favorece diferentes maneiras de relacionamento com o outro e com o conhecimento”. Com isso, conseguimos atingir os objetivos propostos de leitura e retextualização em HQ.

3.3 ANÁLISE DE RESULTADOS DA PESQUISA PÓS-PRODUÇÃO DA HQ

Após a aplicação das oficinas propostas na intervenção, fizemos uma pesquisa semiestruturada (Apêndice E) para analisarmos o quanto as propostas definidas impactaram os alunos. Essa pesquisa final foi realizada com 51 participantes. Vejamos os resultados.

Gráfico 11 – O gosto pela leitura do livro



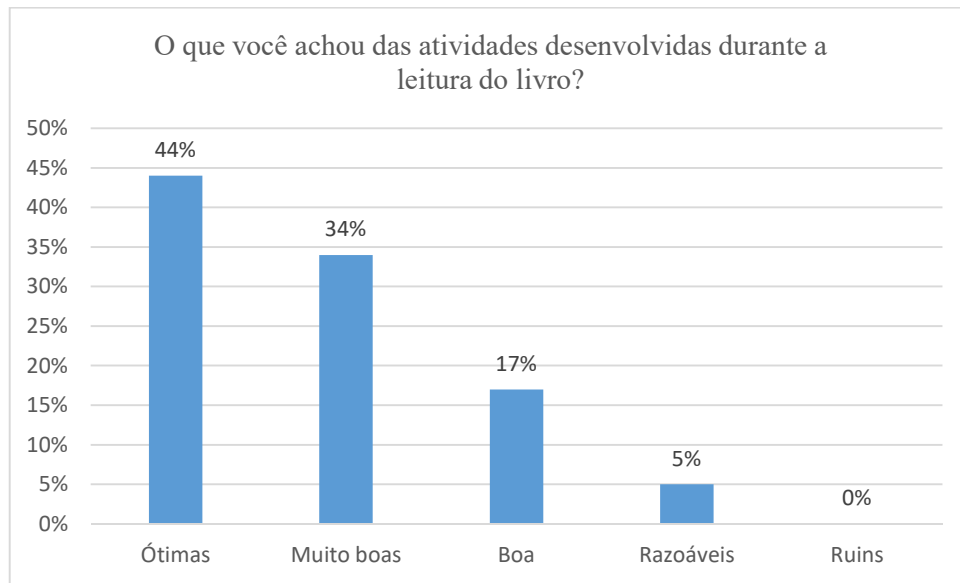
Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Após a aplicação da pesquisa, apreendemos que a forma de trabalhar faz a diferença para conquistar os objetivos pretendidos como educadores. Ter mais de 90% de aprovação pela escolha do livro e das atividades para motivar a leitura do romance mostra que um dos caminhos para melhorar os índices de leitura e compreensão está na importância de criar oportunidades e na mediação do professor, pois assim como elenca Costa (2000, p. 27) “ a transmissão social do conhecimento é um produto da experiência comunicativa e da compreensão interativamente criada, e a construção desse conhecimento, incluindo a linguagem, se faz por um movimento interlocutivo, intersubjetivo”.

O processo de construção do conhecimento não se esgota no contexto só da sala de aula, devemos expandir nossos planejamentos de aulas também para outros ambientes (praças, jardins, quadra etc.) para que os alunos possam ter oportunidade de vivenciar na escola outras formas de aprender, outros contextos que os cercam e essa é uma maneira de interagirmos melhor com nossos alunos.

Comprovamos no questionamento feito a seguir, sobre as atividades desenvolvidas, que essa interação com os alunos em outros ambientes, com atividades que exploraram a socialização entre eles foram bem aceitas pelo público pesquisado.

Gráfico 12 – Sobre as atividades desenvolvidas durante a leitura



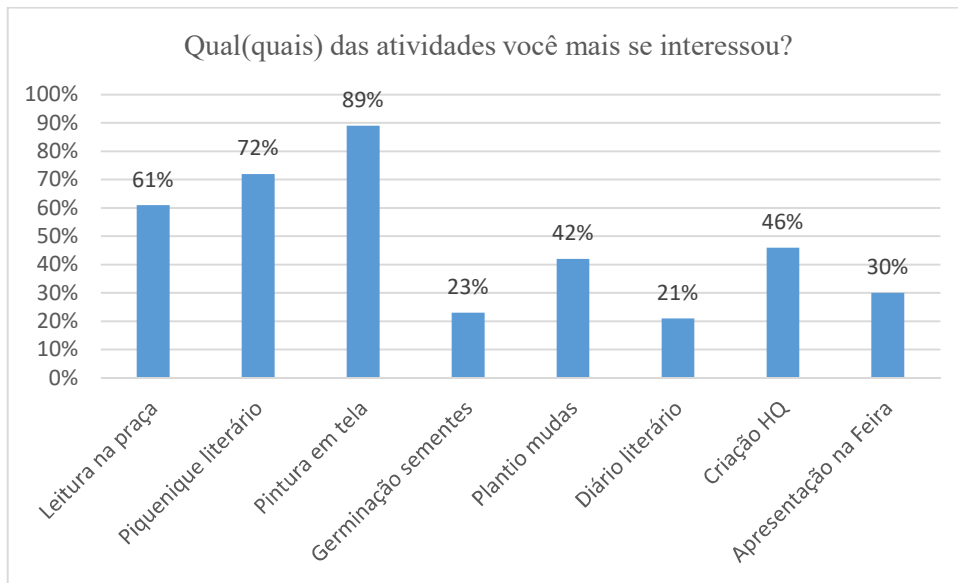
Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Deduzimos, pelas respostas dadas, que as atividades realizadas foram bem-sucedidas, pois a maioria (78%) considerou as atividades ótimas ou muito boas, isso nos leva a observar que propusemos atividades para que houvesse interação tanto entre professor-alunos como também entre alunos-alunos. Sendo assim:

A função de um professor em sala de aula no Ensino Básico também deve ser motivada a partir da mesma perspectiva, a de um professor-pesquisador, tentando encontrar novas formas de trabalho, novas ferramentas para o ensino, a fim de estabelecer uma metodologia de ensino-aprendizagem cada vez mais bem estruturada. A associação de ambos – quadrinhos e uma perspectiva pedagógica investigativa - estimulam um desafio ainda maior. (RODRIGUES, 2012, p.165)

Mediante os resultados, constatamos que atividades desenvolvidas fora do ambiente tradicional (sala de aula), fazem com que os alunos sejam protagonistas e vejam no mediador alguém em quem devem se espelhar e que os motiva a cumprir as tarefas propostas. A qualidade dos recursos utilizados implicará no resultado, pois os professores podem realizar um excelente trabalho de formação de leitores de forma contínua e gradativa, sem imposição.

Gráfico 13 – Melhor atividade durante a leitura



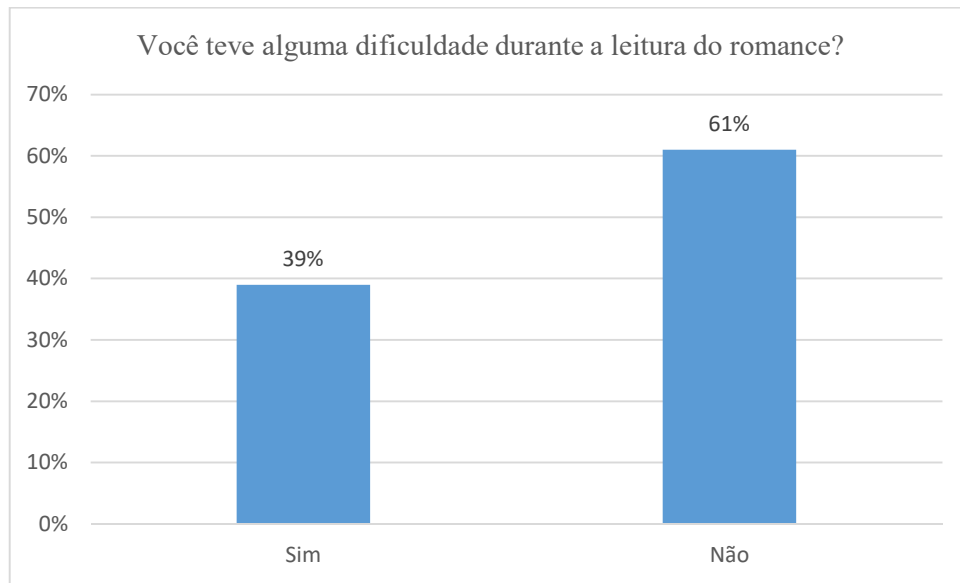
Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Buscar meios de traçar estratégias de aprendizagem baseadas em atividades de interação e socialização podem ser comprovadas pelas respostas dadas, pois atividades que envolvem a coletividade foram as preferidas. Usar a tecnologia como forma de atrair os alunos para a leitura e para a retextualização é um caminho, uma opção, mas não uma solução para a falta de interesse pela leitura literária.

No contexto interacional, pensar em atividades que estimulem a criatividade bem como pensar no que perguntar e como perguntar auxilia os alunos a construírem hipóteses e organizar argumentos necessários para convencer o interlocutor de determinado ponto de vista, como afirmam Moura e Martins (2012). Essa interação pode levar ao gosto pela leitura e fazer com que busquem outras obras.

Vale ressaltar que se levássemos apenas textos ou livros para sala de aula muito provavelmente se recusariam a ler, ou leriam sob pressão de uma avaliação e não com o real propósito da leitura que é ler por prazer e por adquirir conhecimento. Concluimos, com essas respostas, que devemos continuar a mediar estratégias de leitura e escrita que façam sentido para os alunos.

Gráfico 14 – Dificuldades durante a leitura



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Boa parte dos alunos disseram não ter tido dificuldades em ler o romance, pois as atividades propostas contribuíram para que a leitura fluísse de maneira mais natural, daí a importância de o professor propor antes da leitura, atividades que contribuam para o entendimento da obra.

Julgamos ser relevante ler a obra pensando em possíveis dificuldades que os alunos terão ao lê-la e, antes de propor a leitura, trabalhar com eles atividades de pré-leitura para minimizar possíveis dificuldades de compreensão do romance.

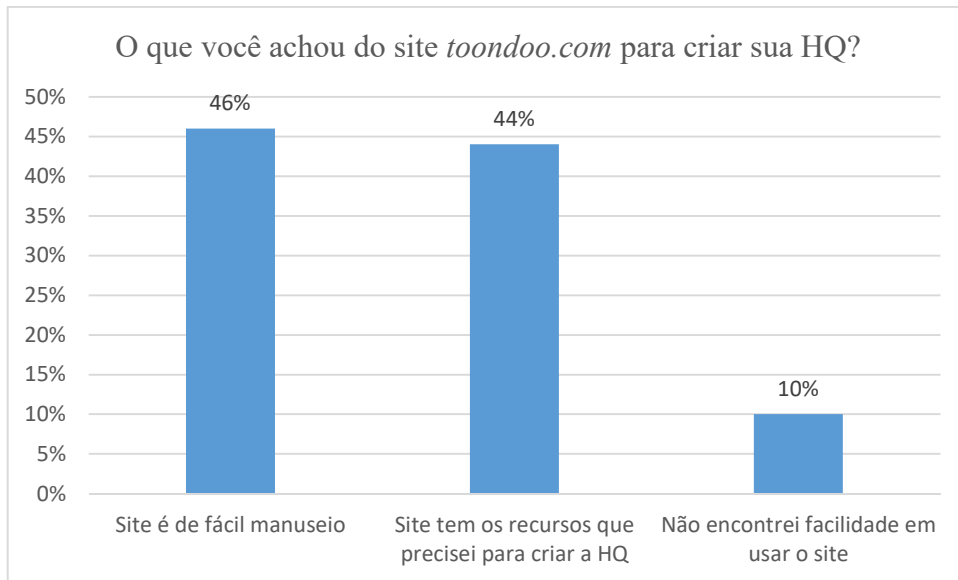
Conforme Iser (1999) elenca, os alunos precisam preencher seus espaços vazios durante a leitura e é nosso papel de professor sermos condutores de atividades que busquem atingir a maior compreensão possível da obra. Assim como Soares ressalta que:

A leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos, mais tolerantes – compreensão e tolerância são condições essenciais para a democracia cultural; A leitura literária democratiza o ser humano porque traz para seu universo o estrangeiro, o desigual, o excluído, e assim nos torna menos preconceituosos, menos alheios às diferenças – o senso de igualdade e de justiça social é condição essencial para a democracia cultural; A leitura literária democratiza o ser humano porque elimina barreiras de tempo e de espaço, mostra que há tempos para além do nosso tempo, que há lugares, povos e culturas para além da nossa cultura, e assim nos torna menos pretensiosos, menos presunçosos – o sentido da relatividade e da pequenez de nosso tempo e lugar é condição essencial para a democracia cultural. (SOARES, 2004, p.31-32)

Sendo assim, propor a leitura literária nas aulas faz com que os estudantes possam ser mais críticos e mais conscientes do papel que desempenham não só na escola como também na sociedade. Os alunos são muito criativos e sabem usar as ferramentas digitais disponíveis nos

sites, desde que instigados a produzirem e estejam monitorados para filtrar aquilo que deve ser usado e como deve ser usado.

Gráfico 15 – Sobre o site *toondoo.com*



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

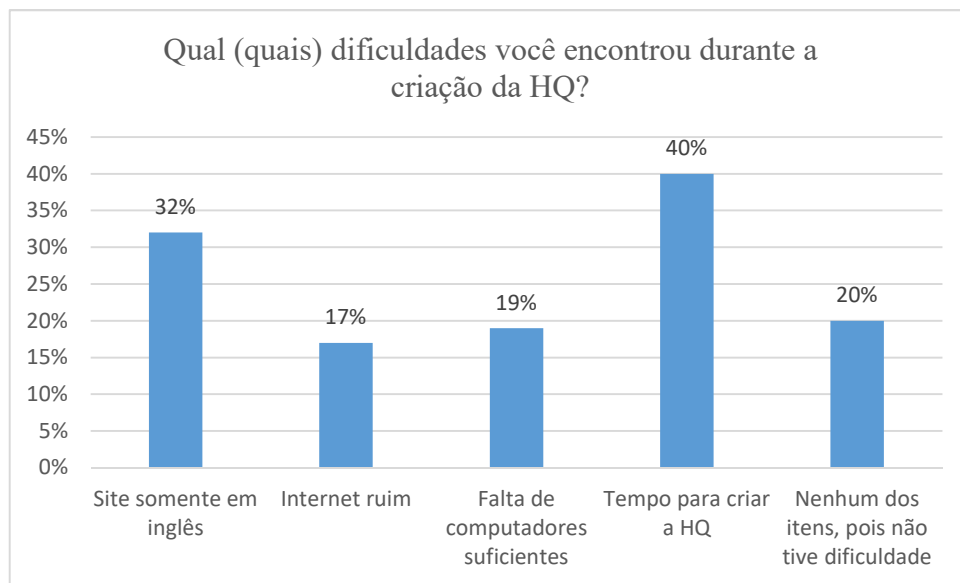
Os participantes da pesquisa podem ser considerados nativos digitais (PRENSKY, 2001), uma vez que 90% deles navegaram pelo site sem nenhuma dificuldade. Os que apresentaram dificuldades, demonstraram dúvidas em algumas expressões em língua estrangeira, inglês, e não nas ferramentas e funcionalidades do *site* em si.

Usar as tecnologias disponíveis na escola para desenvolver atividades que promovam o aprendizado é uma forma de fazer com que os alunos possam ver que as aulas podem ser mais atrativas e que aprender com aquilo que eles têm mais afinidade como os sites, é uma forma de promover a leitura literária. O importante é não pensar que o laboratório de informática é a solução para a deficiência de aprendizagem e sim uma ferramenta importante para despertar a vontade de ler mais e aprender mais. Pois,

utilizando metodologias tradicionais em que o professor tem o papel de detentor do saber e todos os alunos ouvem e executam as tarefas uniformemente, a utilização de meios como o computador não traz nenhuma novidade. Uma alternativa é o desenvolvimento de projetos educativos. Com a utilização da informática em projetos pedagógicos, o conhecimento, até então dirigido e centrado na figura do professor, passa por uma descentralização, e o aprendiz torna-se mais independente, pois a pesquisa, a produção e a troca passam a ocupar o centro. O professor que aceitar os desafios que essa nova tecnologia lhe propõe – desafios esses que devem ser compartilhados e estendidos aos aprendizes para que eles se apropriem e empreguem os conhecimentos numa interação adequada. (NEITZEL, 2010, p.84)

Constatamos que ao trabalhar com as tecnologias é importante e necessário que o planejamento e a consciência de colocar os alunos como protagonistas do aprendizado sejam imprescindíveis, uma vez que podem surgir imprevistos, máquinas que não funcionam, conexão lenta ou com interrupções, falta de energia elétrica, mouses e teclados estragados, e até mesmo aulas malconduzidas no laboratório podem trazer problemas quanto ao aprendizado, tal como aulas somente com quadro e giz.

Gráfico 16 – Dificuldades durante a criação da HQ



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Durante a retextualização para HQ do romance, verificamos que a maior dificuldade encontrada foi o tempo de criação, a produção leva mais tempo e nem sempre podemos usar o laboratório de informática em todas as aulas, pois temos outras atividades e outros conteúdos a serem trabalhados.

Outros participantes da pesquisa, até se familiarizarem com o site, tiveram dificuldade em traduzir determinados comandos em inglês. 19% alegaram que o número de computadores era insuficiente, pois durante a produção da HQ dispúnhamos de apenas 11 máquinas funcionando adequadamente no laboratório de informática, o que foi um entrave, mas não um empecilho para continuarmos, por isso revezávamos para usar as máquinas disponíveis e alguns professores cederam seus horários para que pudessem terminar a produção.

A insistência e a persistência foram aliadas e os resultados obtidos fizeram com que revitalizassem o laboratório de informática que conta agora com 20 máquinas funcionando.

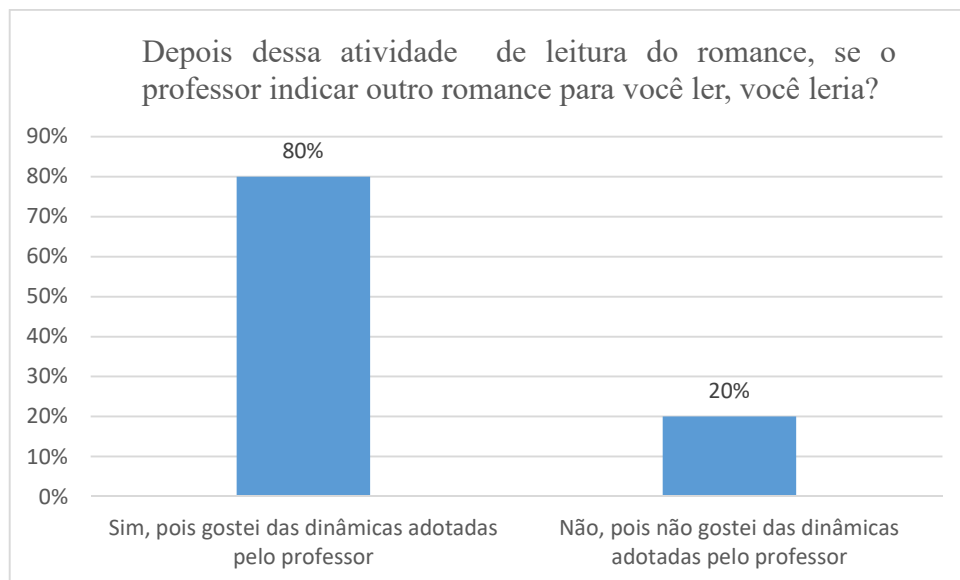
Ter uma internet de boa qualidade funcionando no espaço público também foi uma dificuldade durante a execução do projeto, algumas vezes a internet não estava disponível ou falhava e isso impedia que fizéssemos a criação dos quadrinhos, uma vez que dependíamos de uma boa conexão devido à necessidade de utilizar o site para a retextualização do romance.

Alguns alunos pediram para fazer alguns quadrinhos em casa, para não atrasarem, pois estavam ansiosos em apresentar seu trabalho completo na feira do conhecimento e assim também podiam liberar as máquinas disponíveis na escola para os colegas que não dispunham de internet ou computador em casa.

Esse trabalho - em casa, por parte de alguns alunos - agilizou o processo de criação, pois puderam ceder a vez de usar os computadores da escola e ainda ajudaram os colegas que tinham dificuldades para utilizar alguma ferramenta do site. Por isso, a resposta de 20% deles de não ter nenhuma dificuldade durante a criação da HQ.

Pensamos em questionar os alunos quanto à leitura de outro romance, após a criação da HQ, para sabermos se nossos objetivos com a realização de todas as oficinas e de todo o trabalho com a retextualização trouxe um resultado satisfatório ou não.

Gráfico 17 – Sobre a possibilidade de ler outro romance



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Ao analisar essa pergunta, Rangel nos dá uma importante contribuição,

o texto literário é indispensável para o ensino/aprendizagem da leitura e, evidentemente, para a formação do gosto literário, direito de todo e qualquer cidadão e dever do ensino fundamental. Não se trata apenas de incluí-lo na programação cotidiana, mas de lhe dar o devido destaque cultural e pedagógico, seja na criteriosa seleção do que se oferece ao aluno, que não pode deixar de lado a história e a

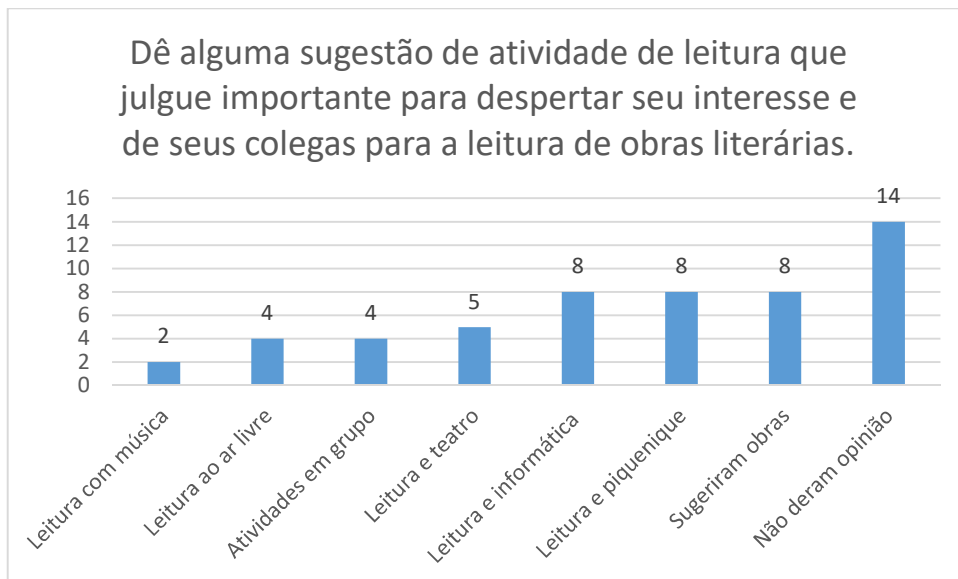
característica dos cânones, seja no tratamento didático dado ao estudo do texto. (2003, p. 138)

Atividades de interação que auxiliem na formação do gosto literário deve ser uma de nossas metas e mais ainda uma das prioridades para que alcancemos uma melhora nos índices de leitura, de produção e de senso crítico dos alunos. Não há fórmula, não há segredos, há caminhos que podem funcionar ou não, mas se há caminhos então devemos planejar as aulas a fim de atingir os objetivos propostos. Segundo Vera Aparecida Freitas:

Ler é produzir sentido em um processo de interação autor-leitor-texto-mundo. Para Paulo Freire, a leitura do mundo precede a leitura do texto, ou seja, construir sentido é estar mergulhado no mundo e no que ele significa dentro de uma cultura em particular. Para compreender o texto, o leitor aciona, no ato de ler, conhecimentos prévios que o ajudarão a estabelecer conexões entre informações novas contidas no texto e as que ele já sabe. (FREITAS, 2012, p. 70)

Insistir em criar mecanismos que atraíam os alunos para a leitura literária até formarem o hábito de ler e se tornarem leitores ativos, é atingir um dos mais importantes objetivos das aulas de língua portuguesa: a fluidez na leitura.

Gráfico 18 – Sugestões de atividade de leitura



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Na última pergunta da pesquisa, pedimos para sugerirem atividades que envolvessem a leitura literária a fim de que as aulas de leitura pudessem ser mais prazerosas para eles e demais alunos de outros anos escolares. Muitos repetiram as atividades trabalhadas na intervenção como leitura ao ar livre (praça), piquenique literário, leitura associada a informática (criação de HQ) e outros não quiseram opinar.

Com essas respostas, confirmamos que

a experiência de mediação da leitura reforça o compromisso com a qualidade do ensino prioritariamente centrado na aprendizagem e permite entender que quanto maior a disponibilidade do professor em assumir o papel de mediador do ensino melhor será o resultado das interações em sala de aula. (MOURA e MARTINS, 2012, p. 111).

Ser mediador e, sobretudo, ser exemplo de leitor ativo que opina, explica, critica e demonstra amor pela leitura trazem maior segurança e justificativa para os alunos também serem leitores ativos.

Vale ressaltar ainda que foi interessante observar que duas sugestões são de grande valia para próximos planos de intervenção e pesquisa, a leitura com música e a leitura associada ao teatro, ou seja, quiseram trabalhar a dramatização de uma obra, uma sugestão de atividade relevante que envolve a leitura, a memorização, a produção textual e a movimentação corporal.

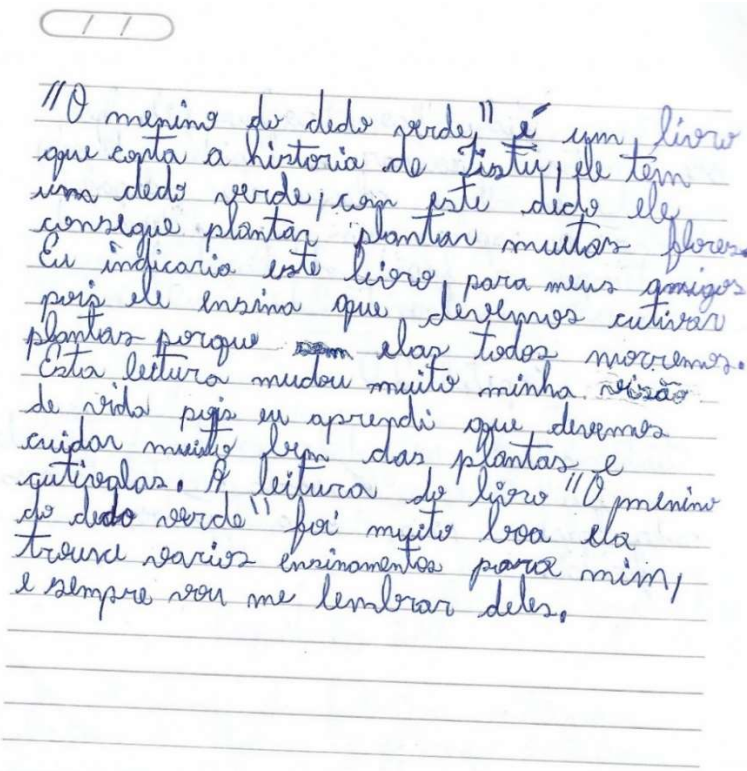
Ratificamos com essas respostas, que a leitura do romance e as atividades desenvolvidas aproximaram os pesquisados da cultura e da natureza, nesse sentido, Bakhtin nos afirma que:

O fenômeno da dialogicidade interna, como dissemos, em maior ou menor grau, encontra-se manifesto em todas as esferas do discurso vivo. [...] na prosa literária, e em particular no romance, ela [a dialogicidade] penetra interiormente na própria concepção de objeto do discurso e na sua expressão, transformando sua semântica e sua estrutura sintática. A reciprocidade de orientação dialógica torna-se aqui um fato de próprio discurso que anima e dramatiza o discurso por dentro, em todos os seus aspectos. (BAKHTIN, 2010, p. 92)

Após citarem atividades que gostariam que fossem desenvolvidas, os alunos deixaram um pequeno texto com suas impressões da leitura do romance objeto da pesquisa. Transcrevemos aqui três delas. A escolha dessas três respostas se justifica por se tratar de alunos que participaram de todas as atividades desenvolvidas e que entregaram voluntariamente suas produções. Para melhor visualização, as respostas foram transcritas (Anexo F).

Perguntamos aos alunos como foi ler **O menino do dedo verde**, qual a principal contribuição da obra para sua vida e se indicariam a leitura da obra para alguém.

Imagem 7 – Resposta do aluno A



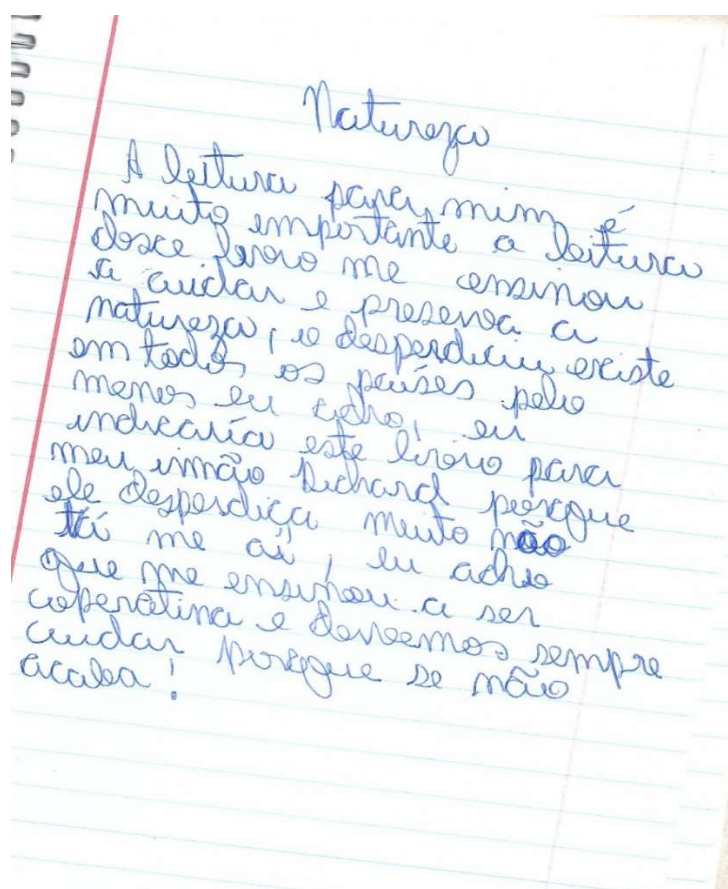
"O menino do dedo verde" é um livro
 que conta a história de Tistu, ele tem
 uma dedo verde, com este dedo ele
 consegue plantar, plantar muitas flores.
 Eu indicaria este livro para meus amigos
 pois ele ensina que devemos cultivar
 plantas porque ~~em~~ elas todos nos ensinam.
 Esta leitura mudou muito minha visão
 de vida pois eu aprendi que devemos
 cuidar muito bem das plantas e
 cuidar delas. A leitura do livro "O menino
 do dedo verde" foi muito boa ela
 trouxe varias ensinamentos para mim,
 e sempre vou me lembrar deles.

Fonte: Produção de um participante da pesquisa (2019)

Constatamos, pela resposta dada, que as atividades de interação para a leitura do romance trouxeram para o participante da pesquisa o sentido de preservação do meio ambiente, percebemos que o que mais motivou foi o senso de responsabilidade com a preservação da natureza, a visão de Tistu querer ambientes mais alegres, floridos e modificar o seu entorno com as flores foi o que ficou mais evidente em sua resposta.

Para o aluno B:

Imagem 8 – Resposta do aluno B



Natureza

A leitura para mim é muito importante a leitura do seu livro me ensinou a cuidar e preservar a natureza, e desperdiçar existe em todos os países pelo menos eu acho! eu indicaria este livro para meu irmão Richard porque ele desperdiça muito não tá me oi, eu acho que me ensinou a ser cooperativa e devemos sempre cuidar! porque se não acaba!

Fonte: Produção de um participante da pesquisa (2019)

Além do senso de responsabilidade com o meio ambiente, tal como na resposta anterior, vimos que nessa, o participante da pesquisa B pensa em modificar também o comportamento do irmão, a leitura também acrescentou a ideia de desperdício, de cooperação e noção de que são bens que precisam de conservação e cuidado pois podem acabar.

E, finalmente o aluno C trouxe em sua resposta uma visão de interação e de motivação.

Imagem 9 – Resposta do aluno C

Quando eu li o livro achei que não ia gostar mas acabei gostando. Significou para mim que ele tinha tudo pois que o amava muito uma casa linda etc. Mas ele não que outras pessoas não tinha isso e ele fez de Mirapóles um lugar melhor. Me dei a mimho virão pelo gato de que o meu ambiente é muito importante que um pequeno ou grande gato pode ajudar uma pessoa. Gostei porque é uma leitura

atual e fala mundo do meu ambiente e do como uma criança faz a diferença. Indicarei esse livro pois ele fala do J até com esse dedo verde sei ajudando as pessoas, só achei um pouco triste o fim mas gostei muito, pois o meu ambiente é um assunto que devemos tratar todos os dias.

Fim

Fonte: Produção de um participante da pesquisa (2019)

A prova irrefutável de que os professores devem propor atividades de interação e motivar os alunos para atingir os objetivos planejados está na resposta do participante da pesquisa C, pois sua sinceridade em dizer “achei que não ia gostar” mostra que muitas vezes os alunos ao receberem uma proposta de leitura de texto, seja literário, informativo, didático, etc. desconfiam se será interessante ou não.

Ao afirmar “mas acabei gostando”, inferimos que

é indispensável que a escola invista no desenvolvimento de capacidades cognitivas, linguísticas e discursivas para que qualquer indivíduo escolarizado possa ter, em diferentes instâncias, uma plena participação social como indivíduo crítico e ativo diante das muitas realidades (DELL'ISOLA, 2007, p.14)

Então, devemos insistir nas atividades de interação e sempre ter como foco os alunos como ativos no processo de formação de leitores.

Conseguimos, através da mediação e da interação, colaborar não apenas no incentivo à leitura, mas também na formação de leitores que além de enriquecer seu repertório linguístico se aproximaram mais do texto literário e começaram a construir seus próprios conceitos de sociedade, de responsabilidade, de ação social para melhorar o ambiente em que vivemos e principalmente a preservar a natureza.

As dificuldades são inúmeras, não atingimos todos os alunos, mas a partir do momento que construímos um novo modelo de leitura nas aulas de língua portuguesa, pautado na mediação professor-aluno e na interação, mudamos o posicionamento da maioria deles, no que se refere ao hábito de leitura literária. Começamos a fazer os estudantes perceberem que, através da leitura, modifica-se o modo de ver o mundo e as pessoas que estão ao redor de si e do mundo que os circunda além de ampliar a percepção do mundo narrado e também de sua capacidade inventiva.

Ao planejarmos atividades em que o aluno se torna protagonista das ações e a mediação professor-aluno se concretiza pelas estratégias traçadas, o resultado aflora além dos muros da sala de aula.

Quando finalizamos as oficinas e deixamos nos computadores do laboratório de informática a retextualização em quadrinhos do livro **O menino do dedo verde**, convidamos uma turma do 5.º ano do Ensino Fundamental I para participarem de uma aula de leitura no ambiente digital.

Os alunos ficaram tão entusiasmados e concentrados na leitura que espalharam para os colegas de outras turmas o quanto acharam bom ter uma aula de leitura diferente, o sincretismo das imagens e das palavras prenderam a atenção das crianças que não tiravam os olhos da tela do computador durante a leitura da HQ.

Foto 14 – Aula de leitura das HQs



Fonte: Do autor (2019)

Foto 15 – Aula de leitura das HQs



Fonte: Do autor (2019)

As professoras das outras turmas do EFI começaram a agendar horários para a leitura da HQ em ambiente digital com suas turmas. O uso do laboratório de informática como meio de promover a leitura das HQs produzidas pelos participantes da pesquisa movimentou as salas dos anos iniciais, conseguimos movimentar a escola para ler os quadrinhos. As palavras de Paulo Franchetti, em seu artigo sobre a importância da literatura na vida dos alunos reforça a ideia de que:

Ensinar literatura, portanto, em sentido amplo, é criar condições para que o estudante, o leitor em formação, possa tornar-se ele também um herdeiro desse manancial. Isso não tem uma implicação simples, mas muitas e complexas. Tornar-se herdeiro significa não só poder compreender, mas poder vivenciar em si mesmo o passado. Isso inclui poder deslocar a sua perspectiva temporal sobre vários assuntos, de modo a compreender que quase nada de ‘natural’ existe no comportamento e nas instituições humanas, que quase tudo é cultural, ou seja, que quase tudo muda ou pode ser mudado de forma radical. Por meio da literatura aprendemos, sim, muitas coisas. Sobretudo aprendemos a relativizar as certezas, a contemplar o leque de possibilidades de realização (e também das limitações à realização) humana ao longo do eixo temporal ou espacial. (FRANCHETTI, 2009, p.7)

De acordo com Neitzel (2010, p.142), “a imaginação é uma competência que pode ser estimulada por diversas vias, uma delas pelo exercício da leitura de obras literárias.” Além disso, o mesmo autor elenca que “o imaginário da criança se constitui por meio do contato com os álbuns, textos, gibis, que nutrem sua imaginação, influenciando sua capacidade comunicativa e criativa e também o desenvolvimento de sua sensibilidade”.

Portanto, devemos valorizar atividades de leitura literária que despertem o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu da necessidade de aprimorar a leitura do texto literário, sobretudo o romance, na formação do leitor nos alunos dos 6.º e 7.º anos do EFII, apontando para a relevância do professor-mediador na busca de atividades interativas que utilizem as tecnologias como objeto de ensino.

Nossa principal meta foi buscar estratégias que envolvessem os alunos a se sentirem motivados na leitura de romances, uma vez que assim como infere Dell’Isola (2007) trabalhar com a língua portuguesa é preparar os estudantes para lidar com as diversas linguagens, para renovar o prazer de utilizar o idioma que falam e saber manusear cada vez melhor as habilidades de ler, escrever, ouvir e falar, utilizando a linguagem falada ou escrita para produzir novos textos.

Mesmo com entraves é possível desenvolver um bom trabalho para favorecer a formação de leitores. Cabe aos professores, enquanto mediadores, ser curiosos, corajosos e ousados para abrir novos caminhos e garantir que os estudantes conheçam cada vez mais o universo literário reforçando o compromisso com a qualidade de ensino, pois quanto maior a disponibilidade do educador em assumir o papel de mediador do ensino melhor será o resultado das interações em sala de aula. Devemos realizar uma formação de leitores contínua e gradativa sem doutrinação pois “se a escrita não permite voos aos leitores ela não é literatura. A literatura abre portas, mas a paisagem está aninhada no coração do leitor. A imaginação é privilégio de todos os indivíduos.” (QUEIRÓS, 2005, p.170)

Assim despertarmos nos discentes a motivação para ler e, principalmente para perceber que, através da leitura dos romances, é possível descobrir novos mundos, diferentes realidades e se posicionar com mais autonomia diante dos vários outros textos que lerem, sejam nos livros em papel ou em ambientes digitais.

A criação de HQ em ambiente digital proposto nesse trabalho foi uma alternativa para intensificar a leitura em sala de aula e, assim como afirma Neitzel (2010, p.149) “promover a substituição de situações competitivas por cooperativas”.

Com isso buscamos envolver os alunos para uma formação voltada para a leitura literária e também despertar o interesse pela produção textual. O laboratório de informática foi uma ferramenta importante para concluirmos nossos objetivos da pesquisa, porém, sozinho não foi o principal atrativo. As oficinas em que os alunos tiveram a interação, principalmente as que envolviam a coletividade foram primordiais para o êxito da proposta de intervenção.

A mediação, durante o processo de buscar uma maneira de conquistar os jovens para se tornarem leitores assíduos, foi o principal caminho para que identificássemos a mudança de

comportamento quanto à leitura literária, uma vez que após realizar as atividades no final de 2018, os alunos se mostraram diferentes quanto à postura na escola, participaram e cuidaram mais das plantas dos jardins do educandário, mostraram consciência quanto à nossa responsabilidade com o meio ambiente. Isso pôde ser visualizado nas respostas aos questionários e nas análises feitas após as atividades de leitura do livro.

Outro indicativo de que a leitura literária começou a fazer parte da rotina dos pesquisados foi o questionamento no início das atividades de 2019 em que perguntaram qual romance seria lido para produzirem outra HQ no laboratório de informática e se poderiam ler fazendo oficinas como no ano anterior.

Devemos salientar que, como lembra Ramos (2009, p.17) “quadrinhos são quadrinhos” e gozam de uma linguagem autônoma com mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Mediar a leitura da obra para retextualizar para HQ foi uma forma de explorar os pontos comuns com a literatura, respeitando tanto a linguagem do livro como também dos quadrinhos.

Durante a realização das oficinas, percebemos que algumas atraíram mais a participação de quase todos os alunos. A oficina de pintura foi um momento que eles se entregaram às telas, expuseram sua criatividade em buscar cores, cenários e também de interagirem quando pediam auxílio àqueles que tinham mais habilidade artística e conhecimentos introdutórios de técnicas de pintura para saber qual a melhor cor, se podiam mesclar com outra tinta, se fariam margem e que cor mais combinaria, que se mostraram aulas muito apreciadas por eles.

Em outras oficinas também houve uma efetiva participação dos alunos participantes da pesquisa. Foram elas a leitura na praça e o piquenique literário, sair do ambiente escolar, deixar a leitura fruir com o vento fresco das árvores da praça e depois, em outro momento, após a leitura poder partilhar com os colegas as guloseimas do piquenique foram oficinas trabalhadas em 2018 que tivemos de repetir em 2019, pois não esqueceram e pediram para continuar com atividades parecidas. É pertinente ressaltar que, após as oficinas, a participação dos alunos no debate e os resumos entregues mostraram que realmente leram e não quiseram somente sair da escola para passear.

Houve alguns impasses, durante a realização da pesquisa, como a falta de internet em algumas aulas, o número reduzido de máquinas funcionando no laboratório, a maioria das vezes, 11 computadores, outras vezes 7 computadores, mas não foram empecilhos que nos impediram de dar continuidade, até mesmo porque o envolvimento dos alunos pesquisados em participar de cada aula, os questionamentos que surgiram durante as atividades, mostrando o

início de uma formação leitora foram as molas propulsoras de continuar até finalizarmos toda a retextualização em HQ.

Hoje, o laboratório conta com 20 máquinas funcionando e as HQs produzidas foram disponibilizadas para que as professoras do Ensino Fundamental I possam levar seus alunos para uma aula de leitura em ambiente digital.

Para os participantes da pesquisa, saber que as professoras levam seus alunos para lerem as HQs produzidas por eles é um incentivo a mais para lerem outras obras e produzirem mais histórias. Os estudantes se sentiram protagonistas, autores de HQs que os “meninhos” estão lendo.

Por isso, Dell’Isola (2007, p.14) afirma que:

é indispensável que a escola invista no desenvolvimento de capacidades cognitivas, linguísticas e discursivas para que qualquer indivíduo escolarizado possa ter, em diferentes instâncias, uma plena participação social como indivíduo crítico e ativo diante das muitas realidades.

Insistir em estratégias de interação para se ter êxito na formação de leitores literários é uma prova de que as oficinas de interação e a nossa mediação favoreceram não apenas a vontade de ler a obra selecionada, mas também buscar outras leituras.

O interesse dos participantes em questionar qual seria a próxima obra que fariam oficinas de leitura e se iriam para o laboratório de informática para retextualizar, transformaram a leitura numa experiência agradável e condutora de conhecimento. Ver suas HQs nas telas dos computadores do laboratório de informática fez com que os participantes da pesquisa se vissem como potenciais criadores de literatura, além de terem ampliado o seu desempenho de leitura e elaboração da escrita.

Conseguimos não só concluir a efetiva leitura do livro **O menino do dedo verde** como também abrir caminhos para o trabalho com outras obras. Neitzel afirma que:

Ao ler, a criança aprende a lidar com as representações que substituem o próprio real, efetua relações, planeja, compara, lembra, relembra, deflagrando-se um processo de representação mental que a liberta do espaço e tempo presentes. Por meio da literatura, da leitura gratuita, ocorre a assimilação, o entendimento e a transformação dos significados, o que interfere no processo de aquisição da linguagem pela criança e deflagra um processo de compreensão e elaboração de conceitos que levam o sujeito a desenvolver várias habilidades cognitivas e afetivas (NEITZEL, 2010, p.150)

Devemos promover essa leitura gratuita para que os estudantes transformem os significados e compreendam o mundo e os conceitos que os cercam e, a partir desse processo de formação de leitores ativos, desenvolvam suas habilidades cognitivas e afetivas e possam se

tornar sujeitos mais sensíveis às questões que os cercam para aprenderem a solucionar conflitos movidos pela própria sensibilidade.

Propomos que outros professores de outras escolas utilizem as oficinas desse trabalho para promover a formação de leitores literários no EFII, independentemente da quantidade de máquinas disponíveis no laboratório de informática da instituição de ensino em que atuam, com uma máquina para cada aluno ou até mesmo sem nenhum computador, pois ao formarmos leitores não estamos formando qualquer leitor e sim um leitor capaz de se inserir em sua comunidade e construir sentidos para si e para o mundo em que vive.

É necessário ousar e ir além das paredes da sala de aula e mostrar que em torno da escola há um mundo de possibilidades e realidades que fazem parte do cotidiano dos alunos e que podemos explorar, construir pontes para desenvolver sua leitura.

Portanto, uma proposta de intervenção, baseada na mediação e na interação, oportuniza aos alunos momentos de leitura e com isso apresentam algumas atitudes e comportamentos diferentes que coadunam com as expectativas de leitores esperados na escola.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fonte, 1997.
- _____. **Questões de Literatura e de estética: a teoria do romance**. 6. ed. Hucitec/Annablume, 2010.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: ____ **Magia e Técnica, Arte e Política** – ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, vol I, 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- _____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- CANDIDO, Antônio. “O direito à Literatura”. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- _____. **Literatura e sociedade**. 5.ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria e análise didática**. São Paulo: Ática, 1993.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- DELL’ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde**. 19 ed. Tradução Marcus Barbosa. Rio de Janeiro: Livraria Olympio Editora, 1977.
- ELLIOT, John. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In: GERALDI, Corinta Maria Crisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (Org.). **Cartografias do trabalho docente: professor (a)- pesquisador(a)**. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- FRANCHETTI, Paulo. **Ensinar literatura para quê?** Revista Desenredos, nº 3. 2009. Disponível em: http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/03_ensaio_-_literatura_-_Franchetti.pdf Acesso em: 16/12/2019.
- FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Trad. Silva Letra. 4. ed. Lisboa: Estampa, 1975.

FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. Mediação: estratégia facilitadora da compreensão leitora. In: Bortoni-Ricardo, Stella Maris (orgs). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

GERALDI, João Wanderley. Leitura e mediação. In BARBOSA, Juliana Bertucci & BARBOSA. Marinalva Vieira (org). **Leitura e mediação: reflexões sobre a formação do professor**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura – uma teoria do efeito estético**. vol.1. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

LIBERATO, Yara & FULGENCIO, Lúcia. **É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro**. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3 ed. São Paulo: Summus; 1979.

MELO, Cimara Valim. **O lugar do romance na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27506> Acesso em: 30 jul. 2019.

MORAN, José Manuel. Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias auditivas e temáticas. In: MORAN, J. M; MASETTO, M. T e BEHRENS, M. **As novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papyrus, 2000.

NEITZEL, Adair de Aguiar e NEITZEL, Luiz Carlos. Literatura infantil em meio digital. In: **Leitura e produção em meio digital**. Org. Luiz Carlos Neitzel, Adair de Aguiar Neitzel – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

NEITZEL, Luiz Carlos. Os meios midiáticos – do paraíso e do inferno: Gêneses. In: **Leitura e produção em meio digital**. Org. Luiz Carlos Neitzel, Adair de Aguiar Neitzel – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

_____. Informatização: ponte, trincheira ou muro? In: **Leitura e produção em meio digital**. Org. Luiz Carlos Neitzel, Adair de Aguiar Neitzel – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a literatura: uma nova perspectiva**. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed.34, 2009.

PRENSKY, Marc. **Digital natives, digital immigrants**. On the Horizon – Estados Unidos – NCB University Press, v.9, n.5, Oct, 2001.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Leitura, um diálogo subjetivo. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** Com a palavra, o escritor. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2005.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RANGEL, Egon de Oliverira. Letramento Literário e Livro Didático de Língua Portuguesa: Os amores difíceis. In: **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. Org. Aparecida Paiva et al. – Belo Horizonte: Autêntica / CEALE / FAE / UFMG, 2003.

RODRIGUES, Vinícius da Silva. A sinuosa jornada conceitual do herói contemporâneo: uma proposta dialógica para o uso dos quadrinhos na educação básica. In: **Histórias em quadrinhos: diante da experiência dos outros**. Org. Regina Dalcastagnè. – Vinhedo: Editora Horizonte, 2012

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

RONAI, Paulo. **Dicionário universal Nova Fronteira de citações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SOARES, Magda Becker. Leitura e Democracia Cultural. In: Aparecida Paiva et al. **Democratizando a Leitura: pesquisas e práticas**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2004.

ZAPPONE, Mirian H. Y. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. **Revista Teoria e Prática da Educação**. Maringá, PR, v. 11, n.1, p. 46-60, jan./abr.2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003

APÊNDICES

APÊNDICE A – PESQUISA SEMIESTRUTURADA E QUESTIONÁRIO

Pesquisa semiestruturada – “Hábito de leitura”

1) Sexo:
<input type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino
2) Quanto a sua frequência de leitura dos seguintes textos:
a) Revistas em quadrinhos
<input type="checkbox"/> diariamente <input type="checkbox"/> semanalmente <input type="checkbox"/> mensalmente <input type="checkbox"/> anualmente <input type="checkbox"/> não lê
b) Jornais
<input type="checkbox"/> diariamente <input type="checkbox"/> semanalmente <input type="checkbox"/> mensalmente <input type="checkbox"/> anualmente <input type="checkbox"/> não lê
c) Poemas
<input type="checkbox"/> diariamente <input type="checkbox"/> semanalmente <input type="checkbox"/> mensalmente <input type="checkbox"/> anualmente <input type="checkbox"/> não lê
d) Textos literários: contos, crônicas, etc.
<input type="checkbox"/> diariamente <input type="checkbox"/> semanalmente <input type="checkbox"/> mensalmente <input type="checkbox"/> anualmente <input type="checkbox"/> não lê
e) Sites de internet
<input type="checkbox"/> diariamente <input type="checkbox"/> semanalmente <input type="checkbox"/> mensalmente <input type="checkbox"/> anualmente <input type="checkbox"/> não lê
3) Qual tipo de suporte que você utiliza com mais frequência?
<input type="checkbox"/> impresso <input type="checkbox"/> digital
4) Você considera que o seu tempo dedicado à leitura é:
<input type="checkbox"/> suficiente <input type="checkbox"/> insuficiente
5) Quais são as maiores barreiras para sua frequência na leitura?
<input type="checkbox"/> tempo <input type="checkbox"/> condições financeiras <input type="checkbox"/> lentidão na leitura
<input type="checkbox"/> dificuldade de acesso à biblioteca
6) Você gosta de ler?
<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
7) Onde você tem acesso à internet (pode marcar mais de uma opção)
<input type="checkbox"/> escola <input type="checkbox"/> casa <input type="checkbox"/> <i>lan house</i>
8) Quantas horas você gasta por dia:
a) Assistindo TV
<input type="checkbox"/> nenhuma <input type="checkbox"/> até 1 hora <input type="checkbox"/> 1 a 2 horas <input type="checkbox"/> 2 a 3 horas <input type="checkbox"/> mais de 4 horas

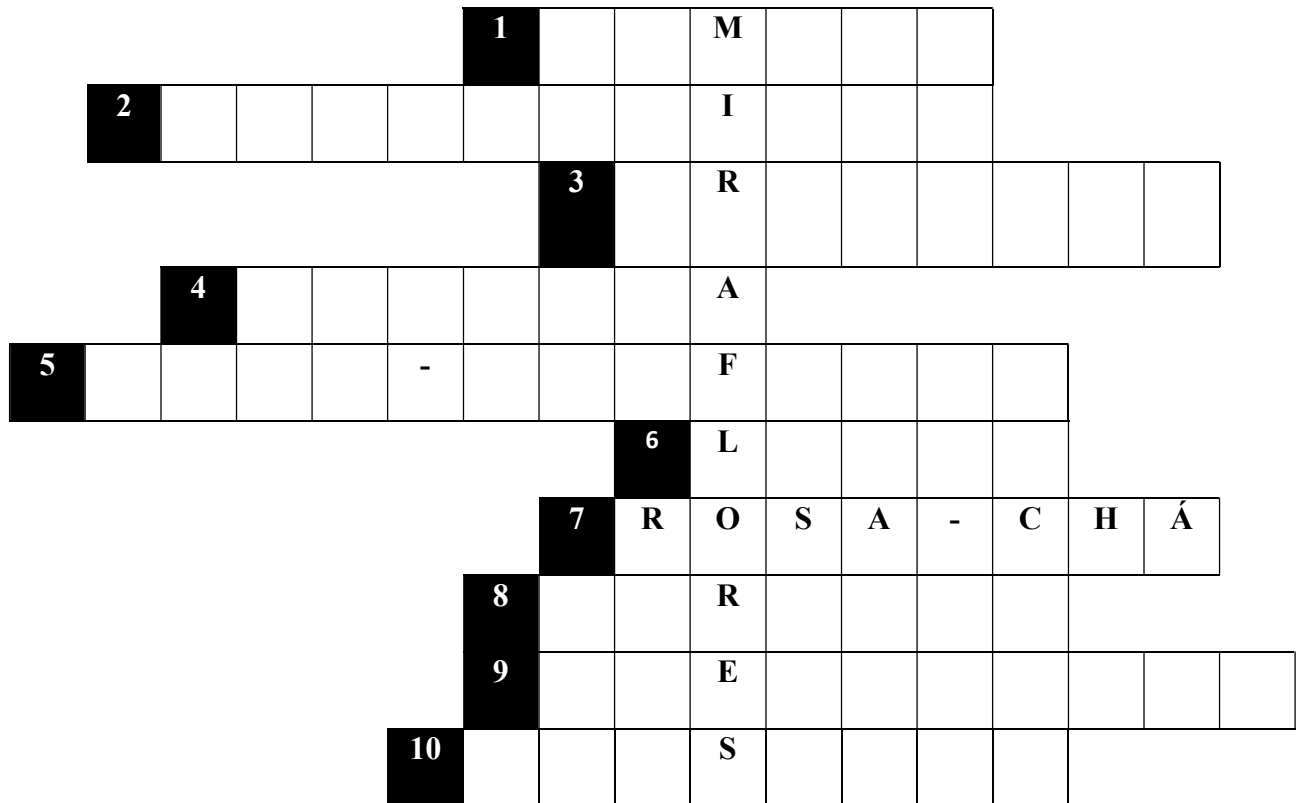
b) Estudando ou fazendo dever de casa
<input type="checkbox"/> nenhuma <input type="checkbox"/> até 1 hora <input type="checkbox"/> 1 a 2 horas <input type="checkbox"/> 2 a 3 horas <input type="checkbox"/> mais de 4 horas
c) Navegando na internet
<input type="checkbox"/> nenhuma <input type="checkbox"/> até 1 hora <input type="checkbox"/> 1 a 2 horas <input type="checkbox"/> 2 a 3 horas <input type="checkbox"/> mais de 4 horas

Questionário – “Leitura literária”

- 01) Na sua casa, há livros de literatura? Se afirmativo, quantos?
- 02) Seus pais, ou responsáveis, têm o hábito de ler obras literárias?
- 03) Você já ganhou ou comprou algum livro de literatura? Se afirmativo, qual (quais)?
- 04) Você já leu algum romance? Qual ou quais?
- 05) Alguém já indicou algum romance para você ler? Se afirmativo, quem indicou e qual romance foi indicado?
- 06) Você se interessa pela leitura de romances? Por quê?
- 07) Se seu professor propuser a leitura de um romance, você acha que será interessante? Te atrai a ideia de ler um romance? Justifique suas respostas.

APÊNDICE B - CRUZADINHA

1 – Complete as palavras cruzadas, sobre o nome de algumas flores, de acordo com a descrição delas:



1 – Planta floresce em fevereiro e frutifica entre maio e junho. Suas flores em forma de pompom variam de rósea a esbranquiçadas. Suas folhas são pilosas e compostas multifolioladas. O porte do arbusto pode chegar a 3m.

2 – Planta engloba um total de 526 espécies de *Lonicera caprifolium*, ainda que só 108 são espécies reconhecidas e costumam ser plantas trepadoras de folha caduca com um crescimento rápido e floração contínua desde que o clima se mantenha quente.

3 – São todas as plantas que compõem a família *Orchidaceae*, pertencente à ordem Asparagales, uma das maiores famílias de plantas existentes. Apresentam muitíssimas e variadas formas, cores e tamanhos e existem em todos os continentes, exceto na Antártida.

4 – Família *Begoniaceae*, existindo apenas uma outra espécie de origem havaiana, única representante do gênero *Hillebrandia*, que não pertence a este gênero.

5 – É uma flor bienal, selvagem euroasiática. É uma pequena planta rasteira que atinge no máximo 15 cm de altura, com flores de cerca de 1,5 cm de diâmetro.

6 – É o nome dado às flores do gênero *Lilium* da família *Liliaceae*, originárias do hemisfério norte

7 – Espécie de rosa muito comum na América do Sul.

8 - O termo **Gerânio** refere-se, de uma forma geral, a um grupo de ervas e pequenos arbustos dos gêneros *Geranium* e *Pelargonium*

9 - Planta que cresce apoiando-se sobre outra ou sobre qualquer superfície.

10 – É um gênero de plantas pertencente à família *Boraginaceae*. Suas flores são também habitualmente chamados **não-me-esqueças**.

2 – O jardineiro foi fazer uma legenda para as plantas do jardim, mas misturou todas elas. Ajude o jardineiro e coloque o nome de cada planta abaixo corretamente e vença a disputa de sua equipe:



BOTÕES DE OURO	MIMOSAS	JUNQUILHOS
BEIJOS	PAPOULAS	JACINTO
ANTÚRIOS	ANGÉLICAS	LILASES
PEÔNIAS	BRIÔNIAS	BUGANVÍLIAS
HERAS	CAMPÂNULAS	JASMINS

APÊNDICE C - MOLDES

Moldes da atividade 4 para xerocar e apresentar aos alunos a fim de que escolham aquele que querem transpor para a tela de tecido 30cm x40cm com auxílio do papel carbono vermelho e pintar com pincel e tinta guache de cores variadas. Para que o desenho tenha um tamanho adequado para a tela imprima cada molde em uma folha A4 na orientação paisagem bem próxima às margens.

Molde I : Tistu e seu amigo Ginástico



Disponível em:

<https://blog.oitopeia.com.br/2016/05/03/livros-para-uma-cuca-legal-tistu-o-menino-do-dedo-verde/> último acesso 22/07/2019

Molde II: A mão de Tistu



Disponível em: <https://arvoredasletras.com.br/2017/11/04/a-proposito-do-menino-do-dedo-verde/> último acesso 22/07/2019

Molde III: Sr. Bigode, Tistu e Ginástico



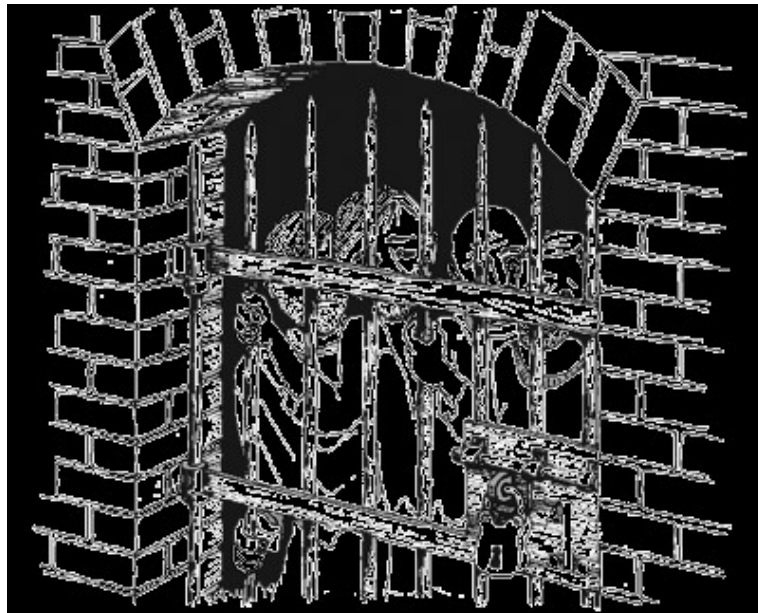
Disponível em <http://gutarocha.blogspot.com/2012/04/o-do-dedo-tistu-o-menino-do-dedo-verde.html> Último acesso: 22/07/2019

Molde IV: A favela de Mirapólvora



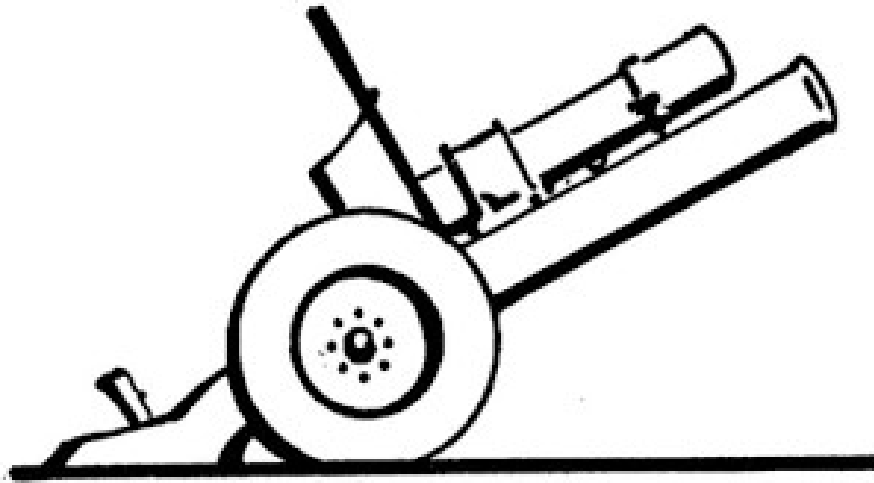
Disponível em <https://gartic.com.br/bruxcha/desenho-livre/favela-da-rosinha> último acesso 22/07/2019

Molde V: A prisão de Mirapólvora



Disponível em <http://miriangalli.blogspot.com/2018/02/paulo-e-silas-na-prisao-desenhos-e.html><https://br.pinterest.com/pin/363384263661711939/> último acesso 22/07/2019

Molde VI: Canhão da Fábrica do Sr. Papai



Disponível em

<http://www.supercoloring.com/pt/desenhos-para-colorir/canhao> último acesso 22/07/2019

Molde VII: Jardim da casa de Tistu

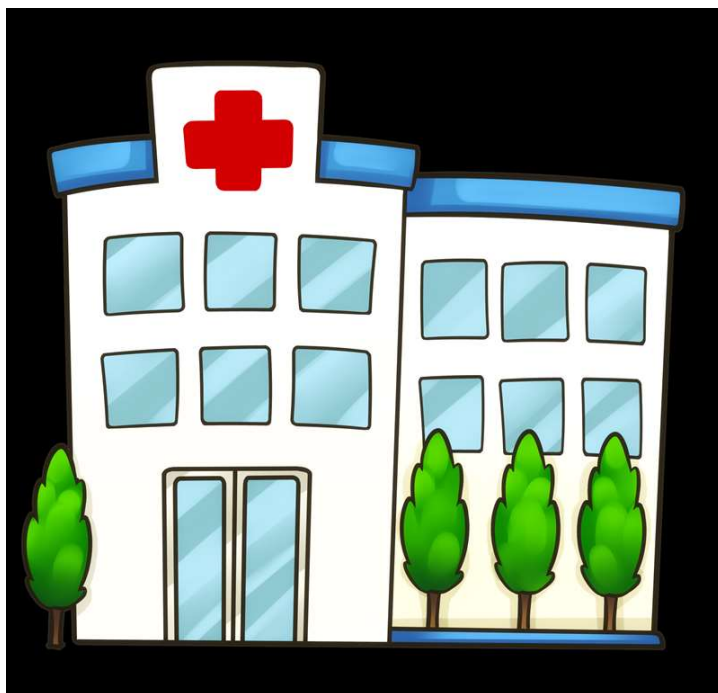


em:

Disponível

<https://br.guiainfantil.com/desenho-de-jardim-de-flores-para-colorir/> acesso em 22/07/2019

Molde VIII: Hospital de Mirapólvora



Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/363384263661711939/> último acesso 22/07/2019

Molde IX: Tistu cuidando do jardim



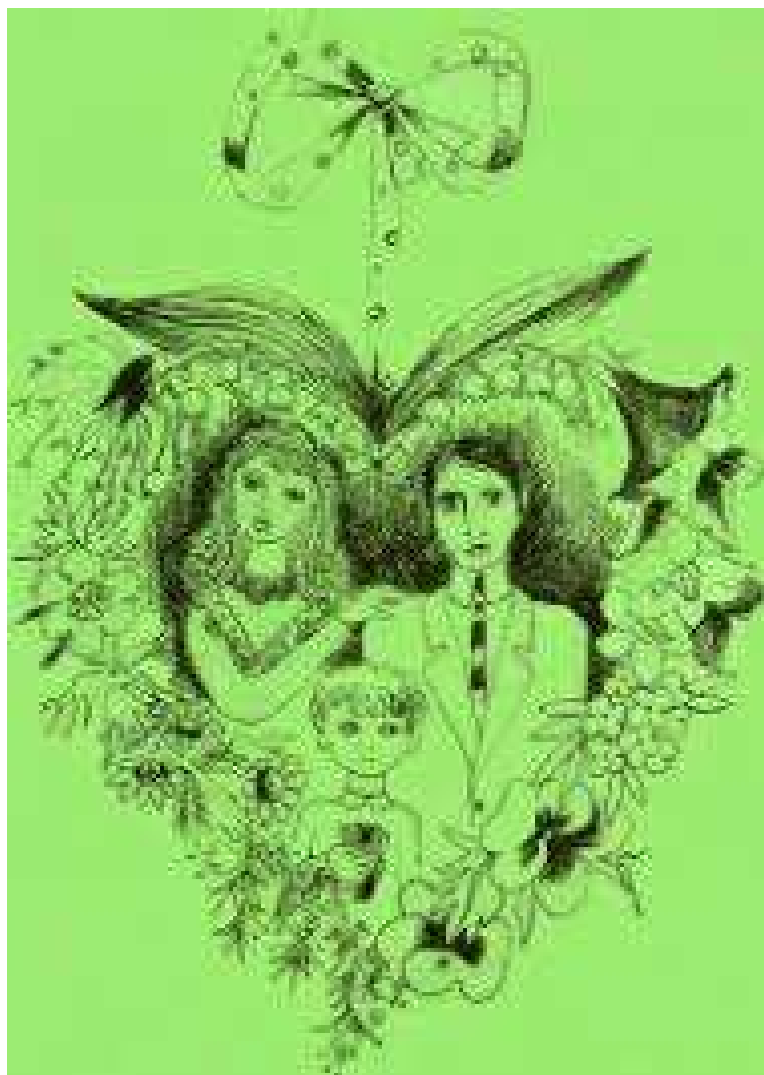
Disponível em: <http://gutarocha.blogspot.com/2012/04/o-do-dedo-tistu-o-menino-do-dedo-verde.html> último acesso em 22/07/2019

Molde X: Tistu descobre que tem o dedo verde



Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/blog/mesadividida/post/tistu-o-menino-do-dedo-verde-em-ultima-apresentacao-no-teatro-fernandamontenegro#.XTYZoehKjIU> último acesso em 22/07/2019

Molde XI: Os pais de Tistu



Disponível em: www.colegiojesusmariajose.org.br último acesso em 22/07/2019

Molde XII – Plantando flores



Disponível em: <https://motite.blogs.sapo.pt/tag/semente> acesso em 22/07/2019

APÊNDICE D - ROTEIRO

Roteiro para retextualização do romance para os quadrinhos

- a) Quais as personagens apresentadas na história que aparecerão nos quadrinhos?
- b) Quais os cenários necessários para a história?
- c) Todos os capítulos da história aparecerão nos quadrinhos?
- d) De cada capítulo do livro, qual o assunto será abordado?
- e) Como aparecerá nos quadrinhos esse assunto, com personagens dialogando ou narrador?
- f) Você conhece todos os formatos de balões (pensamento, diálogo, raiva...)? Pense em quais serão necessários na sua história.
- g) Será necessário usar onomatopeias (representação de sons por meio de palavras ou letras)?
- h) Vocês sabem como dar a ideia de movimento de personagens nos quadrinhos? Vamos aprender caso necessitem durante a criação da história?
- i) Existem recursos como mostrar a personagem de corpo inteiro para compor o quadrinho, mas há momentos que queremos enfatizar as expressões faciais, para isso precisamos fazer cortes e aproximar o rosto da personagem, pense nisso quando for criar a história.

08) Dê alguma sugestão de atividade de leitura que julga necessária para despertar o seu interesse e de seus colegas para leitura de obras literárias.

APÊNDICE F – RESPOSTAS TRANSCRITAS DOS ALUNOS

“O menino do dedo verde é um livro que conta a historia de Tistu, ele tem um dedo verde, com esse dedo ele consegue plantar, plantar muitas flores. Eu indicaria este livro para meus amigos pois ele ensina que devemos cultivar plantas porque sem elas todos morremos. Esta leitura mudou muito minha visão de vida pois eu aprendi que devemos cuidar muito bem das plantas e cultivalas. A leitura do livro “O menino do dedo verde” foi muito boa ela trouxe vários ensinamentos para mim, e sempre vou me lembrar deles.”

Resposta aluno A

“A leitura para mim é muito importante a leitura desce livro me ensinou a cuidar e preservar a natureza, o desperdício existe em todos os países pelo menos eu acho, eu indicaria este livro para meu irmão Richard porque ele desperdiça muito não tá me (nem) aí, eu acho que me ensinou a ser cooperativo e devemos sempre cuidar porque se não acaba!”

Resposta aluno B

“Quando eu li o livro achei que não ia gostar mas acabei gostando. Significou para mim que ele tinha tudo pais que o amava muito uma casa linda etc. Mas ele viu que outras pessoas não tinha isso e ele fez de Mirapolvora um lugar melhor. Mudou a minha visão pelo fato de que o meio ambiente é muito importante que um pequeno ou grande gesto pode ajudar uma pessoa. Gostei porque é uma leitura atual e fala mundo (muito) do meio ambiente e de como uma criança faz a diferença. Indicaria esse livro pois ele fala do Tistu com esse dedo verde sai ajudando as pessoas, so achei um pouco triste o final mas gostei muito, pois o meio ambiente é um assunto que devemos tratar todos os dias.”

Resposta aluno C

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UFTM - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TRIÂNGULO
MINEIRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: UM NOVO OLHAR PARA LEITURA DE ROMANCE PELOS ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA EM PATOS DE MINAS - MG

Pesquisador: ACIR MÁRIO KARWOSKI

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 93922318.3.0000.5154

Instituição Proponente: Universidade Federal do Triangulo Mineiro

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.914.996

Apresentação do Projeto:

Segundo os pesquisadores:

"Este projeto de pesquisa tem por objetivo a percepção acerca da vivência da leitura de romance e produção de HQ por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II. Segundo D'Onofrio (2000, p.79), "a literatura é constituída pelo conjunto imenso de textos criados pela fantasia de poetas, romancistas, contistas e dramaturgos ao longo de séculos, em diferentes línguas e nos diversos países". O mundo fantástico da literatura desperta o senso crítico, melhora o desempenho das produções escritas, aumenta o vocabulário e possibilita ao leitor viajar sem sair do lugar. Através da leitura e compreensão de textos literários, especialmente o romance, desenvolve-se habilidades imprescindíveis, pois além de ser prazerosa contribui para o enriquecimento intelectual e cultural dos alunos. Como elenca Candido (2004, p.174):

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povoe não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós,

Endereço: Rua Conde Prados, 191

Bairro: Nossa Sra. Abadia

UF: MG **Município:** UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

CEP: 38.025-260

E-mail: cep@uftm.edu.br



UFTM - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TRIÂNGULO
MINEIRO



Continuação do Parecer: 2.914.996

analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola. O samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. Por isso é indispensável que invistamos no desenvolvimento cognitivo e linguístico de nossos alunos através de atividades que promovam uma participação social mais ativa, tornando-os indivíduos mais críticos e ativos diante de muitas realidades. (Dell'Isola, 2007), com atividades de produção de HQ, tendo por base o romance. Para Moran (2000, p.63), "Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantém distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial". A tecnologia não tira dos alunos a vontade de ler, como muitos acreditam, ela só veio a ocupar seu espaço, resta a nós usá-la a nosso favor mostrando que a era tecnológica do século XXI pode auxiliar na prática da leitura e da interpretação de textos".

Segundo os pesquisadores tem-se como perguntas da pesquisa: "Por que os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental apreendem e compreendem obras literárias do gênero romance de forma superficial e, conseqüentemente, demonstram desinteresse pela leitura de romance?"

Objetivo da Pesquisa:

Segundo os pesquisadores:

"OBJETIVO GERAL

Investigar, através da leitura do romance literário baseado na obra O menino do dedo verde, a compreensão do romance e sua retextualização em HQ, a fim de motivar a leitura de obras literárias do romance por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II em uma escola da cidade de Patos de Minas – MG.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Desenvolver atividades com leitura de HQ no laboratório de informática, visando à compreensão e produção de HQ.
- Transformar em prática, baseado no letramento literário, a leitura de textos literários em alunos do 6.º ano do ensino fundamental.

Endereço: Rua Conde Prados, 191
Bairro: Nossa Sra. Abadia
UF: MG Município: UBERABA
Telefone: (34)3700-6803

CEP: 38.025-260

E-mail: cep@uftm.edu.br



UFTM - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TRIÂNGULO
MINEIRO



Continuação do Parecer: 2.914.996

- Desenvolver atividades que despertem o interesse dos alunos pela leitura de obras literárias, especificamente do romance.

- Identificar e analisar os pressupostos teóricos, filosóficos e históricos que contribuem para a valorização e inserção da retextualização de romance em HQs no contexto escolar".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores/

"Os objetivos da pesquisa serão explicados a todos os participantes bem como aos seus representantes legais, uma vez que todos os participantes são menores. Após o assentimento de todos os responsáveis legais dos participantes, estes assinarão o termo de livre esclarecimento e consentimento para permitirem legalmente a utilização do material produzido durante a investigação. Assim, entende-se que os riscos aos sujeitos participantes serão minimizados. Os benefícios serão percebidos com a conscientização dos participantes de que a inserção da leitura literária associada à produção de HQ possibilita a melhora significativa do processo de ensino e aprendizagem na escola, permitindo-os uma prática educativa atrativa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa-ação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram postados os seguintes documentos:

- projeto de pesquisa;
- termo de assentimento;
- autorização e coparticipação da escola;
- folha de rosto;
- plano de intervenção;
- questionários da pesquisa.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 e Norma Operacional 001/2013,

Endereço: Rua Conde Prados, 191

Bairro: Nossa Sra. Abadia

UF: MG Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

CEP: 38.025-260

E-mail: cep@uftm.edu.br



UFTM - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TRIÂNGULO
MINEIRO



Continuação do Parecer: 2.914.996

o colegiado do CEP-UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto. O CEP-UFTM informa que de acordo com as orientações da CONEP, o pesquisador deve notificar na página da Plataforma Brasil, o início do projeto. A partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios parciais (semestrais), assim como também é obrigatória a apresentação do relatório final, quando do término do estudo.

Considerações Finais a critério do CEP: *

Aprovado em reunião de Colegiado do CEP-UFTM em 21/09/2018.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1177114.pdf	30/08/2018 12:55:40		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Janderson_REV_CEP_BROCHURA.docx	30/08/2018 12:55:00	ACIR MARIO KARWOSKI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Janderson_CEP_TALE.docx	30/08/2018 12:44:17	ACIR MARIO KARWOSKI	Aceito
Folha de Rosto	JANDERSON_Folha_de_Rosto_CEP.pdf	17/07/2018 19:29:16	ACIR MARIO KARWOSKI	Aceito
Outros	PLANO_DE_INTERVENCAO.docx	17/07/2018 19:27:14	ACIR MARIO KARWOSKI	Aceito
Outros	JANDERSON_Questionario_pesquisa.docx	09/07/2018 21:57:08	ACIR MARIO KARWOSKI	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CO_PARTICIPACAO_ESCOLA.pdf	09/07/2018 17:29:26	ACIR MARIO KARWOSKI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Conde Prados, 191
Bairro: Nossa Sra. Abadia
UF: MG Município: UBERABA
Telefone: (34)3700-6803

CEP: 38.025-260

E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 2.914.996

UFTM - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TRIÂNGULO
MINEIRO



UBERABA, 25 de Setembro de 2018

Assinado por:
Daniel Fernando Bovolenta Ovigli
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Conde Prados, 191
Bairro: Nossa Sra. Abadia
UF: MG Município: UBERABA
Telefone: (34)3700-6803

CEP: 38.025-260

E-mail: cep@uftm.edu.br